

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ  
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO SOCIAL  
EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

**MARIA DA GLÓRIA GONÇALVES NUNES BRAVIM**

**FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS EM UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL**

**SÃO MATEUS  
2019**

MARIA DA GLÓRIA GONÇALVES NUNES BRAVIM

FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS EM UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL

Dissertação apresentada ao Programa Pós-Graduação Strictu Senso em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional da Faculdade Vale do Cricaré para obtenção do título de Mestra em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional.

Área de concentração: Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Désirée Gonçalves Raggi

SÃO MATEUS  
2019

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional  
Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

B826f

Bravim, Maria da Glória Gonçalves Nunes.

Formação de leitores críticos: um estudo sobre as práticas pedagógicas em uma escola de ensino fundamental / Maria da Glória Gonçalves Nunes Bravim – São Mateus - ES, 2018.

86 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2018.

Orientação: prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Désirée Gonçalves Raggi.

1. Ensino-aprendizagem. 2. Práticas pedagógicas. 3. Formação de leitores críticos. 4. Series iniciais. 5. Ensino da leitura e da escrita. I. Raggi, Désirée Gonçalves. II. Título.

CDD: 372.4

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6ª Região – MG e ES

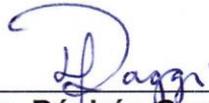
**MARIA DA GLÓRIA GONÇALVES NUNES BRAVIM**

**FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS: UM ESTUDO SOBRE AS  
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM UMA ESCOLA DE ENSINO  
FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional, na área de concentração Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional.

Aprovada em 23 de novembro de 2018.

**COMISSÃO EXAMINADORA**



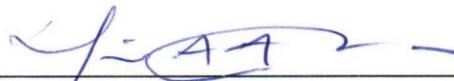
---

**Profa. Dra. Désirée Gonçalves Raggi**  
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)  
Orientadora



---

**Profa. Dra. Kátia Gonçalves Castor**  
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



---

**Prof. Dr. Mário Acrísio Alves Junior**  
Instituto Federal do Espírito Santo (IFES)

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar como as práticas pedagógicas aplicadas pelos professores de 1º ao 5º ano, de uma escola da rede municipal de ensino de Serra-ES tem contribuído para a formação de leitores críticos. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, com base em análises de observações das metodologias pedagógicas utilizadas pelos professores e também nas percepções desses sujeitos obtidas por questionários e observações individuais. O estudo está fundamentado nos estudos de Freire (1989), Veigas (2017) e Ferreiro (1999), teorias que versam sobre a importância da leitura para a formação de cidadãos críticos, seus métodos e conceitos e na figura do professor mediador do processo de ensino aprendizagem de leitura, como Silva (1991), Kleiman (1998) e Geraldi (2003). Os resultados mostraram que as práticas de leituras observadas podem ou não ser eficazes na contribuição da formação de leitores críticos, variando conforme a metodologia de cada professor e a forma com que o aluno recebe e se interessa pela leitura.

**Palavras-chave:** Ensino-aprendizagem. Ensino da leitura e escrita. Formação do leitor crítico. Séries Iniciais.

## **ABSTRACT**

This research aims to investigate how the pedagogical practices applied by teachers from 1st to 5th year of a school in the municipal network of Serra-ES has contributed to the formation of critical readers. It is a qualitative research, based on analyzes of observations of the pedagogical methodologies used by teachers and also on the perceptions of these subjects obtained by questionnaires and individual observations. The study is based on theories that focus on the importance of reading for the formation of critical citizens, their methods and concepts and on the figure of the teacher mediator of the teaching process of reading. The results showed that the observed reading practices may or may not be effective in the contribution of the formation of critical readers, varying according to the methodology of each teacher and the way in which the student receives and is interested in reading.

**Keywords:** Teaching-learning. Teaching reading and writing. Formation of the critical reader.

Dedico este trabalho primeiramente ao meu bom e maravilhoso DEUS, ao meu esposo Fabrício Barbosa Bravim que sempre me incentivou, ao meu filho Gustavo Nunes Bravim, que por inúmeras vezes compreendeu a minha ausência mesmo tão perto nas horas de dedicação para a realização desse trabalho, aos meus pais Teodório (*in memoriam*) e Adinora que sempre estiveram ao meu lado contribuindo para que tudo fosse realizado com êxito no decorrer desse estudo.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus “Posso todas as coisas naquele que me fortalece (Filipenses 4:13) ”.

Ao programa Pós-Graduação em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional da Faculdade Vale do Cricaré, pelo apoio para o desenvolvimento desta pesquisa, como também a todos os professores, com os quais tive o privilégio de ter ao meu lado e contribuíram para minha formação acadêmica.

A orientadora Dra. Désirée Gonçalves Raggi, pela dedicação e paciência no decorrer no desenvolvimento dessa pesquisa.

A coordenadora do curso, Luzinete, que sempre, com carisma e dedicação nos deu todo apoio, nos momentos de maiores dificuldades.

Também não poderia esquecer dos colegas de viagem Selma, Rogério e Luciano, pelos momentos vividos e apoio nas idas e vindas nesse percurso acadêmico.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 MÉTODOS DE ENSINO E CONCEPÇÕES DE LEITURA</b> .....	16
2.1 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA .....	16
2.2 CONCEPÇÕES DE LEITURA .....	18
2.3 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA ESCRITA NA SOCIEDADE LETRADA ....	20
2.4 EDUCADOR MEDIADOR DE CONHECIMENTOS .....	23
<b>2.4.1 Escola: estrutura essencial para a aprendizagem da leitura</b> .....	28
2.5 A LEITURA COMO INSTRUMENTO NA FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS: UMA QUESTÃO A SER REPENSADA .....	33
<b>3 CONCEITO DE LEITORES CRÍTICOS</b> .....	39
3.1 A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DOS LEITORES CRÍTICOS .....	44
<b>4 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DA LEITURA</b> .....	50
4.1 CONTANDO HISTÓRIA PARA FORMAR LEITORES CRÍTICOS .....	52
4.2 PRODUTO EDUCACIONAL .....	54
<b>5 PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	58
5.1 ABORDAGEM E MÉTODO DA PESQUISA .....	58
<b>6 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS</b> .....	61
6.1 CARACTERIZAÇÃO DOS ALUNOS .....	61
6.2 CARACTERIZAÇÃO DOS PROFESSORES .....	61
<b>6.2.1 A leitura concebida como meio para a compreensão do mundo</b> .....	64
<b>6.2.2 Leitura concebida como expressão de pensamento</b> .....	67
<b>6.2.3 Escola e professor: formação de leitores</b> .....	69
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	74
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	76
<b>APÊNDICES</b> .....	81
APÊNDICE A .....	82
APÊNDICE B .....	84
APÊNDICE C .....	86

## 1 INTRODUÇÃO

O século XVIII foi berço da Literatura Infantil, pois nesse período surge a preocupação com a formação moral e social das crianças, quando se rompe o pensamento de que eram apenas adultos em miniatura, não havendo nada que as tornassem diferentes em aspecto algum. De acordo com Coelho (1991), a literatura infantil se apresenta como meio de educação moral para as crianças, quando surge na França a preocupação com a formação das crianças enquanto seres socialmente distintos dos adultos, portadores de características e necessidades específicas.

Posteriormente, no século XIX, a literatura se volta para as necessidades e desenvolvimento da criança. A escola por sua vez, se utiliza das práticas literárias a fim de ensinar e moldar o caráter infantil. Já no século XX, no Brasil, livro é reconhecido e enaltecido com o aparecimento da vasta obra de Monteiro Lobato dedicada a Turma do Sítio do Pica-pau Amarelo. Em torno de 1970, a literatura foi reconquistada como fonte de progresso intelectual e cultural das crianças, provocando, nesse período histórico, uma expansão na concepção das diferentes edições dos livros infantis, que elevou significativamente o quantitativo de produções aqui realizadas (COELHO, 1991).

Em termos de criatividade, os livros se tornaram mais atraentes, expressivos com ilustrações, assim ganharam um espaço gráfico e autônomo, que fazem uma conexão intensa com o universo escolar. Através deles as crianças sonham, pensam, refletem o mundo por intermédio dos personagens e pelo enredo apresentado, raciocinam e vivenciam experiências em diversificadas compreensões do mundo. Essas vivências só são possíveis se as crianças alcançarem um nível satisfatório de leitura, nos espaços escolares e em suas casas. Se a Literatura Infantil for devidamente introduzida e se mantiver presente desde o início do processo de ensino da leitura, haverá possibilidade de um desenvolvimento encaminhado e monitorado por parte da família e da escola.

Em nossas atividades diárias percebemos que os alunos não possuem o hábito de ler, ou seja, não se sentem atraídos para a leitura, e não a praticam em seu

cotidiano. Uma das causas do desinteresse pela leitura está relacionada ao acesso restrito, no núcleo familiar. É de extrema importância que as crianças conheçam em casa o valor da leitura e a informação pelo livro. Se forem ensinadas desde cedo em seus lares, poderão desenvolver nas escolas o mundo da leitura e tudo que ela traz para a vida dessas crianças. Bamberger (1991, p. 63) informa que “[...] quanto mais cedo [os pais] influenciarem as crianças, tanto mais eficaz será a influência [...]” (BAMBERGER, 1991, p. 63).

Pelo contrário, conseqüentemente, se a criança não se sente estimulada desde cedo pelos seus pais ou responsáveis, as leituras escolares sofrem, bem como a possibilidade de um vocabulário desenvolvido, dificultando a compreensão na leitura em si e na escrita, com possibilidades de desvios ortográficos, poucas produções e conhecimentos restritos aos conteúdos escolares. Diante desse contexto, cabe à escola resgatar o valor da leitura, como atividade prazerosa e requisito essencial para a formação de cidadãos críticos e emancipados.

O hábito da leitura é indispensável à educação cidadã. Alunos que não leem, não conseguem pesquisar, resumir, resgatar a ideia do texto, analisar, criticar, julgar e expressar opiniões próprias. O hábito da leitura faz com que os alunos compreendam melhor os saberes ensinados pela escola e o que acontece na realidade concreta do mundo. Porém, não basta apenas ter o hábito de ler, além dessa prática, os educadores devem criar possibilidades para que os educandos desenvolvam autonomia para pesquisar, propor questões e tenham desenvoltura para expressar suas opiniões com clareza, habilidades que caracterizam o leitor crítico.

É de responsabilidade do docente a mediação no que tange à formação de leitores críticos para que nesse ínterim possam desenvolver um pensamento de linguagem dialógica na criação de leitores eficientes e responsáveis. Para tal, estes profissionais precisam estar aptos, entendendo que existem várias possibilidades para que sejam trabalhados os gêneros textuais propostos, considerando assim as competências dos alunos ao mesmo tempo em que se forma indivíduos que possam interferir de forma positiva em sua vivência social.

A formação de um leitor crítico deve ser acrescida na escola a partir dos procedimentos de métodos que beneficiam a mediação pedagógica na construção de uma consciência crítica do aluno por meio de uma construção de uma linguagem típica de sua similitude, demonstrando um sujeito posicionado historicamente.

Refletindo acerca do decorrer da minha experiência profissional, muitas vezes me percebi fazendo uma autocrítica e me questionando sobre o real significado de formar leitores críticos, já que nas escolas por onde lecionei os professores entendem por leitores aqueles alunos que apenas sabem converter letras em sons, ou seja, meramente decodificar uma ideia sem aprofundar ou questionar o seu sentido.

Nesse contexto, pude vivenciar a escola produzindo leitores com dificuldades de interpretar os conteúdos que liam e sem espaço, tempo e liberdade para exporem e discutirem suas ideias. Algumas vezes, me sentia insatisfeita com essa realidade, ao notar que minha colaboração se restringia em propor práticas que permitiam somente que os alunos decodificassem as estruturas linguísticas e textuais. Porém, as atividades não contribuíam para desenvolver o senso crítico.

Uma dessas insatisfações se tornou mais notória com a realização de um projeto que daria apoio pedagógico aos professores, no sentido de provocar o incentivo à leitura nos alunos. O tema era denominado “Maleta Viajante” e os educandos levavam um determinado livro de escolha do professor para casa, em uma “maletinha” e deveriam trazê-lo de volta à escola e fazer a leitura em voz alta para toda turma.

O referido projeto tinha como objetivo o exercício da leitura. Na apresentação, os professores avaliavam a coerência, segurança e as principais dificuldades, já que os alunos tiveram um contato anterior com o texto, fazendo uma espécie de “ensaio”. Na observação dessa ação pedagógica, pude verificar que algumas práticas utilizadas pelos professores não colaboravam para a formação do leitor crítico, já que esse projeto não desenvolvia a criticidade, nem dava liberdade aos alunos para expressarem suas opiniões. Minha primeira experiência profissional como professora de ensino fundamental I ocorreu em uma escola no município da Serra-ES, onde me deparei com a triste realidade de como os alunos são considerados alfabetizados,

apesar da defasagem de aprendizagem que apresentam nas habilidades de leitura e escrita.

Nesse percurso, percebi que havia muitas inquietações sobre certas concepções nas práticas escolares acerca do aprendizado inicial da leitura, uma vez que este processo deve ocorrer de forma contínua e perpassar pelos mais variados momentos da ação pedagógica, não apenas quando ministrados os conteúdos de ortografia, onde posteriormente se é tomada a leitura, para que o professor avalie se seu aluno adquiriu a habilidade ortográfica e aprendeu os conteúdos que lhe foram ensinados.

A principal concepção que predomina entre os professores das séries iniciais é a de que para ler, basta apenas que os alunos identifiquem as letras e formem as sílabas. Devido à essa noção equivocada, a escola vem produzindo grande número de “leitores” que apesar de serem capazes de decodificar qualquer texto, apresentam enormes dificuldades de interpretar o que leem e de expor suas próprias opiniões, com um senso de questionamento e análise crítica. Tentar compreender esse contexto me estimulou para pesquisar como ocorre a formação de leitores críticos. Nesse sentido, propõe-se o seguinte problema: **As práticas de leitura aplicadas nas séries iniciais do Ensino Fundamental em uma escola do município da Serra têm colaborado para a formação de leitores críticos?**

A leitura permite que o ser humano se transporte para o desconhecido com o fim de explorá-lo e melhor decifrar os sentidos, reconhecer as emoções que são geradas e acrescentar vida ao sabor da existência, vivência, experiências que propiciem e consolidem os conhecimentos significativos de seu processo de aprendizagem. Assim sendo, é papel da escola propiciar aos educandos as práticas pedagógicas que despertem o gosto pela leitura, levá-los a compreender a importância de ter prazer pelo ato de ler. A leitura também permite que os sujeitos adquiram mais facilidade para escrever e interpretar as dimensões da vida e do mundo, conforme aponta Silva (1983, p. 42), ao afirmar que, “Ao aprender a ler ou ler para aprender, o indivíduo executa um ato de conhecer e compreender as realizações humanas através da escrita”. Tais inquietações me impulsionaram para a realização deste estudo, no sentido de buscar respostas por meio de uma análise criteriosa e

pautada em dados coletados com o devido rigor científico. Nesse contexto, justificamos esta pesquisa, pois estamos certos que a mesma trará informações que irão contribuir para que os educadores ampliem sua visão e passem a adotar práticas que levem à formação de leitores críticos.

Acreditamos, bem como pretendido por esta pesquisa, que a aplicação da Literatura enquanto recurso capacitador no decurso do ensino da leitura, venha a despertar no aluno um desejo em participar e usufruir das qualificações que o tornem um leitor crítico, vivenciando assim a satisfação e a aprendizagem intrínseca ao processo.

Pensando nisso, o objetivo principal desta pesquisa é **investigar se as práticas de leitura propostas e desenvolvidas pelos professores do 1º e 5º ano do Ensino Fundamental da escola do município da Serra/ES - Alegria de Saber contribuem para a formação de leitores críticos**. Partindo desse objetivo geral e definida a pesquisa a ser realizada, o estudo tem como objetivos específicos:

- Investigar quais as práticas de leitura são priorizadas pelos docentes nas salas de aula de 1º a 5º ano do ensino fundamental da escola X, por meio da aplicação de questionários e observação não participativa;
- Analisar como as práticas utilizadas pelos professores das séries iniciais favorecem a formação de leitores críticos, através da observação em sala de aula;
- Descrever as concepções de leituras sobre a formação de leitores críticos aos alunos de 1º ao 5º ano do ensino fundamental;
- Identificar o perfil de leitor que tem sido formado em turmas de 1º ao 5º ano;
- Criar guia didático para auxiliar os professores na formação de leitores críticos.

Como estrutura do trabalho, tem-se, no capítulo 1, a introdução ao tema, em que são explanadas informações introdutórias a respeito do uso da literatura infantil como meio de formação social e crítica da criança, além do seu ensino em sala de aula. Neste capítulo também estão contidas informações como objetivos e justificativa da pesquisa.

Posteriormente, tem-se os capítulos que compõem o referencial teórico, sendo o capítulo 2 a fundamentação teórica relativa aos métodos de ensino da leitura em sala de aula, bem como as concepções de leitura segundo diferentes autores, tais como Freire (1989), Veigas (2017) e Ferreiro (1999), e a importância que a leitura possui para que o aluno faça parte de uma sociedade letrada. Dentro deste capítulo também são expostos diferentes pontos de vistas nos estudos sobre o educador como mediador da leitura e a formação de leitores críticos, a partir desse aprendizado.

No capítulo 3 são explorados conceitos teóricos defendidos por Silva (1991), Kleiman (1998) e Geraldi (2003), entre outros, sobre o que é um leitor crítico e a importância e impacto que tais leitores possuem dentro da sociedade. Por fim, o referencial teórico se encerra com o capítulo 4, em que são descritas diferentes práticas pedagógicas a respeito do ensino de leitura para crianças. Neste capítulo também é exposto o Produto Educacional resultante desta pesquisa.

Em se tratando da metodologia adotada para este trabalho, tem-se o capítulo 5, que descreve todos os métodos utilizados para a realização da pesquisa e obtenção de dados, os sujeitos e local da pesquisa. Após a descrição metodológica, os dados são apresentados e analisados no capítulo 6 por meio de tópicos em que são caracterizados os dados dos alunos e professores pesquisados, as informações coletadas a partir dos questionários e a observação não-participativa realizada pela pesquisadora.

Por fim, tem-se o capítulo 7, sendo este o fechamento da pesquisa, as considerações finais feitas a partir de todos os processos realizados no trabalho, desde a fundamentação teórica até a aplicação da pesquisa.

## 2 MÉTODOS DE ENSINO E CONCEPÇÕES DE LEITURA

### 2.1 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

O ensino no Brasil é um assunto que está centrado em diversas discussões, partindo de uma visão mais ampla, no que se refere a formação de um cidadão crítico capaz de atuar na sociedade considerando os valores éticos, morais e sociais. Essa formação se inicia no ambiente escolar, tendo como referência a figura do professor, pois ele é o mediador do processo de ensino aprendizagem e é seu papel selecionar estratégias pedagógicas e aprimorar e intensificar os conhecimentos. Partindo desse pressuposto, compreendemos que a maneira como o professor entende a linguagem, determina não somente o quê e como ensinar, mas também “para quê” ensinar.

Entendemos que esses aspectos influenciam no processo de formação de leitor no contexto escolar, como já apontados por alguns estudiosos como Geraldi, (1984); Zappone (2001) e Schwartz (2006). A prática de leitura, numa concepção de linguagem como instrumento de comunicação, não tem colaborado na formação de leitores críticos, pois são práticas que partem da perspectiva de que a leitura é uma atividade de reconhecimento dos significados de palavras e estruturas do texto, dessa forma proporciona-se a formação de um leitor que aprende a interagir com o texto apenas para o reconhecimento de elementos estruturais da sua materialidade linguística.

Compreendemos que, no âmbito escolar, a prática da leitura deva auxiliar os alunos, que os proporcionem o desenvolvimento da capacidade de construir sentidos não apenas através dos elementos linguísticos, mas que aprendam a interagir. Nessa perspectiva, o texto se desloca para uma abordagem mais interacional. Passa assim a ser um lugar de interação entre o autor e o leitor. Segundo Koch (2003, p. 17), existe “[...] um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo”, dessa maneira, os alunos aprendem a interagir com o que leem. Assim, o professor deve desenvolver um trabalho com a leitura que direcione o aluno a compreender que o sentido do texto não é dado previamente, e sim, é um começo de descobertas, que no decorrer do uso das metodologias utilizadas pelo educador, mediador nesse

processo, irá ajudá-lo aprimorar suas descobertas. O texto se desloca de um momento monológico, para o dialógico.

Nessa mesma linha de pensamento segue Geraldi (1984, p.42) ao explicar que as práticas pedagógicas de leitura auxiliam a compreendê-las como “[...] uma resposta ao ‘para quê’ envolve tanto uma concepção de linguagem quanto uma postura relativamente à educação. Ambas se fazem presentes na articulação metodológica”. Dessa forma, ao refletir sobre “para quê” ensinar, o professor deve construir sua própria metodologia, baseada em uma concepção de linguagem para alcançar um melhor desempenho educacional e contribuir para a formação de cidadãos atuantes.

O método como o professor associa o seu trabalho com a prática da leitura é traçado a partir da maneira de como ele entende a linguagem. Como aponta Braggio (1992, p.7)

[...] em todos os métodos [de leitura] ora utilizados em classes de alfabetização, subjaz uma concepção sobre a natureza da linguagem e sua [apropriação] que, em última análise, fundamenta-se numa visão de homem e de sociedade a ela intrinsecamente ligada.

Nesse mesmo contexto, partindo de uma análise sobre a concepção de linguagem, de sujeito e de sociedade, Braggio (1992) contribui muito ao elucidar quais métodos de ensino da leitura realizados no ambiente escolar podem colaborar na formação de leitor crítico.

Então, Braggio (1992) chegou à conclusão de que na aprendizagem inicial as metodologias utilizadas, na maioria das vezes, são baseadas na junção de sílabas simples e memorização de sons. Esses métodos fazem com que a criança se torne um espectador passivo ou receptor mecânico, pois não é levado a construir seus próprios conhecimentos.

Para Ferreiro (1996), as habilidades de leitura e escrita vão se consolidando de maneira paulatina, ou seja, vão se construindo pouco a pouco, aumentando os graus de dificuldade de acordo com os avanços apresentados. Nesse primeiro momento, na alfabetização, quando ocorrem as primeiras escritas realizadas pelo educando, os textos por ele elaborados devem ser recebidos como produções de grande valor, pois

é nesse momento que os seus pré conhecimentos, associados aos seus esforços, serão construídos. O professor, portanto, deve provocar estímulos positivos, após a realização das atividades.

Nessa linha de considerações, Silva (1989, p. 58) expressa sua preocupação com o desenvolvimento pleno da criança. Para ele “[...] as características do desenvolvimento social, intelectual, linguístico e afetivo das crianças brasileiras têm relação direta com as práticas de leitura no âmbito da escola”.

Kleiman (2002) ressalta a importância da leitura para a formação da criança ao esclarecer que a aprendizagem escolar da criança está fundamentada na leitura. Interpretar e compreender são aspectos que tem como princípio o ato de leitura e sem essas concepções, cria-se uma dificuldade para a criança obter sucesso em outras atividades que lhe forem apresentadas. O sucesso na vida, na escola e no mundo que a rodeia, depende desse processo. Atentando para essa reflexão, Cagliari (2002) denuncia os males que o descaso com a leitura pode causar, se a escola não lhe atribuir sua real importância e incorrer em prejuízos por toda a vida,

A leitura não pode ser uma atividade secundária na sala de aula ou na vida, uma atividade para qual a professora e a escola não dediquem mais que uns míseros minutos, na ânsia de retornar aos problemas de escrita, julgados mais importantes. Há um descaso enorme pela leitura, pelos textos, pela programação dessa atividade na escola, no entanto, a leitura deveria ser a maior herança legada pela escola aos alunos, pois ela, e não a escrita, será a fonte perene de educação, com ou sem escola (CAGLIARI, 2002, p. 173).

O professor é o mediador entre os livros e os alunos. Desse modo, deve levar seus educandos a tomarem o gosto pela leitura, pois isso favorecerá a compreensão dos textos propostos e a formação do hábito da leitura ao longo da vida.

## 2.2 CONCEPÇÕES DE LEITURA

A leitura é um processo que antecede a aprendizagem da escrita, como aponta Freire (1989), ao afirmar que a leitura no contexto social, ou seja, a leitura do mundo, vem antes da leitura da palavra e a mesma implica, numa aprendizagem contínua. A interpretação da leitura está vinculada à maneira como interpretamos o mundo que

nos cerca. Assim, se faz necessário buscarmos seu real significado e assim darmos continuidade ao trabalho. De acordo com o dicionário, a leitura é

Primeiramente o ato ou efeito de ler; em segundo é a arte ou hábito de ler; em terceiro é aquilo que se lê; em quarto é o que se lê, considerado em conjunto. E por último é arte de decifrar e fixar um texto, de um autor, segundo determinado critério (AURÉLIO, 1988, p. 390).

O ato de ler vai além de uma simples prática de leitura, não bastando somente a decodificação dos sinais e signos. O educando só pode ser considerado leitor quando passa a compreender e dá significado ao que lê.

O ato de ler é um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de inteligência de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação de palavras. O ato de ler não pode se caracterizar como uma atividade passiva. (BRANDÃO; MICHELETTI, 2002, p. 9).

De acordo com os Parâmetro Curriculares Nacionais, instrumento norteador de apoio às práticas pedagógicas:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. (BRASIL, 1997, p. 69).

Existem vários conceitos de leitura. Entretanto, quando nos referimos ao significado de ler, em nossa concepção significa compreender e interpretar com clareza as relações existentes entre o texto e o seu contexto. A leitura vai além de uma simples decodificação, pois se trata de um processo contínuo de compreensão de mundo. Nessa mesma linha de pensamento, é indispensável uma reflexão sobre a importância da leitura na formação social de um indivíduo. Sendo assim, dominar a leitura de textos traz benefícios para o leitor, tornando-o capaz de, não somente compreender textos escritos, mas também de se conhecer e se expressar através deles.

De acordo com Koch e Elias (2010) a leitura é concebida de três formas diferentes que os sujeitos (alunos e professores) são atores principais que exercem papel fundamental para a compreensão eficaz dela. A primeira tem a leitura como um ato de decodificação. O leitor precisa ter domínio do código linguístico para que se

efetue a compreensão do texto lido. A segunda concepção acerca da leitura se constrói a partir do leitor, do seu conhecimento prévio. A terceira compreende-se como uma junção das duas anteriores, interagindo os sujeitos – conhecer o código linguístico e interpretar o código segundo o conhecimento prévio do mesmo.

### 2.3 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA ESCRITA NA SOCIEDADE LETRADA

Por serem essenciais na formação escolar, a leitura e a escrita, merecem atenção especial dos professores das séries iniciais. A leitura é o meio mais importante para se chegar ao conhecimento. Não importa a quantidade textos lidos, mais importante é o nível de profundidade adquirida nesse entendimento (RAMOS 2003, apud OTTE E KOVÁCS s/d, p.05).

A leitura é muito importante não apenas para a formação intelectual, mas por proporcionar condições de interpretar o mundo que nos rodeia. Nessa mesma perspectiva, foi compreendido que é de total responsabilidade da escola, sendo esse ambiente propício para o desenvolvimento da leitura, proporcionar ao aluno uma educação de qualidade, conduzindo o mesmo a praticar o hábito da leitura. É através da leitura que o sujeito desenvolverá a criatividade, a imaginação e terá facilidade de convivência na sociedade, desde que seja crítico e consciente de seus valores e também das suas obrigações. Segundo o Ministério da educação (MEC) e outros órgãos ligados a educação, a leitura:

- Desenvolve o repertório: ler é um ato valioso para o nosso desenvolvimento pessoal e profissional. É uma forma de ter acesso às informações e, com elas, buscar melhorias para você e para o mundo.
- Liga o senso crítico na tomada: livros, inclusive os romances, nos ajudam a entender o mundo e nós mesmos.
- Amplia o nosso conhecimento geral: além de ser envolvente, a leitura expande nossas referências e nossa capacidade de comunicação.
- Aumenta o vocabulário: graças aos livros, descobrimos novas palavras e novos usos para as que já conhecemos.
- Estimula a criatividade: ler é fundamental para soltar a imaginação por meio dos livros, criamos lugares, personagens, histórias.
- Emociona e causa impacto: quem já se sentiu triste (ou feliz) ao fim de um romance sabe o poder que um bom livro tem.
- Muda sua vida: quem lê desde cedo está muito mais preparado para os estudos, para o trabalho e para a vida.
- Facilita à escrita: ler é um hábito que se reflete no domínio da escrita. Ou seja, quem lê mais escreve melhor (BRASIL, 2005; BRASIL, 2007; BRASIL, 1996).

De acordo com as orientações dos PCNs, na base inicial da leitura, o primeiro aspecto que deve ser excluído nessa concepção é identificar a leitura apenas como símbolo linguístico adquirido através de decodificações, pois se assim for, teremos um grande número de leitores que apenas sabem decodificar diversidades de gêneros contextuais, entretanto são considerados alfabetizados, mas não são letrados. A diferença entre eles, Soares (1998, p. 39, 40) explica:

Retomemos a grande diferença entre alfabetização e letramento e entre alfabetizado e letrado [...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever, já o indivíduo letrado, indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita (SOARES 1998, P.39,40)

Desde que nascemos, no decorrer da vida aprendemos a interpretar gestos e palavras. Quando chegamos à escola, os conhecimentos prévios trazidos em nossa bagagem cognitiva vão sendo potencializados por meio da leitura e da escrita, o que nos possibilita ingressar no convívio social e assim fazer parte de uma sociedade que é titulada como sociedade letrada.

Para discutir o conceito de sociedade letrada, é preciso refletir sobre o conceito de alfabetização com letramento, pois um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado. Alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever.

A sociedade está centrada na escrita, decodificando as palavras por meio de códigos linguísticos, segundo Ylana Viegas (2017, p.17),

Isso é ser alfabetizado sem letramento, e para o indivíduo exercer sua cidadania e colocar as práticas sociais da leitura e da escrita nas demandas da sociedade, é necessário ser mais que alfabetizados, alfabetizado é aquele sujeito que sabe ler e escrever e o letrado é aquele que não apenas ler e escreve e sim já tem o domínio na produção de textos, letrar vai além de alfabetizar.

A alfabetização deve se desenvolver em um contexto de letramento no início da aprendizagem da escrita, como desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais. Alfabetizar letrando é, portanto, ensinar a ler e escrever o mundo. O processo de ensino-aprendizagem de leitura e escrita na escola

não pode ser configurado como um mundo à parte e não ter a finalidade de preparar o sujeito para a realidade na qual se insere.

É importante destacar que letramento não é um método. A discussão do letramento surge sempre envolvida no conceito de alfabetização, o que tem levado a uma inadequada e imprópria síntese dos dois conceitos, com prevalência do conceito de letramento sobre o de alfabetização. Não podemos separar os dois processos, pois a princípio, o estudo do aluno no universo da escrita se dá ao mesmo tempo por meio desses dois processos: pela alfabetização, e pelo desenvolvimento de habilidades da leitura e da escrita. O letramento, pois, esse vem antes da alfabetização, ou seja,

[...] A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1989, p.11-12).

É importante destacar a distinção entre alfabetização e letramento: a alfabetização refere-se apenas a aquisição do alfabeto escrito e estruturado para ler e escrever; o letramento refere-se ao processo da participação da cultura escrita, envolve o uso da língua em situações reais, constituem conhecimentos, atitudes e capacidades para o uso da língua nas práticas sociais. Ferreiro (1999), explicita que é preciso compreender bem os significados de alfabetizar e letrar, e acrescenta que algumas propostas no processo de alfabetização se referem ao ato de restituir a língua escrita em seu caráter social, pois todos podem interpretar escritas.

Nessa perspectiva, Ferreiro (1996) também comenta que a linguagem escrita transformou-se em um objeto de propriedade da escola, como transmissão dos conhecimentos para as novas gerações. Faz um alerta no sentido de que as instituições de ensino precisam mudar sua metodologia de alfabetização urgentemente, uma vez que a construção dessa habilidade, via de regra, é tratada como simples atividade destituída de suas funções, justificando a leitura como objetos socioculturais, ou seja simplesmente, usando a linguagem da escrita apenas para a prática simbólica e não como objetivo de interpretação de mundo.

Por isso, pensar na alfabetização sob a perspectiva de letramento significa envolver as diferentes concepções da leitura e da escrita de forma crítica e dialógica, considerando os professores como mediadores desta proposta, por meio de sua intervenção direta, que vai ajudar a criança no sentido de promover seu avanço.

## 2.4 EDUCADOR MEDIADOR DE CONHECIMENTOS

Na Carta de Paulo Freire aos Professores, ensinar, aprender: leitura do mundo, leitura da palavra, o estudioso contribui com a seguinte reflexão:

Enquanto preparação do sujeito para aprender, estudar é, em primeiro lugar, um que-fazer crítico, criador, recriador, não importa que eu nele me engaje através da leitura de um texto que trata ou discute um certo conteúdo que me foi proposto pela *escola* ou se o realizo partindo de uma reflexão crítica sobre um certo acontecimentos social ou natural e que, como necessidade da própria reflexão, me conduz à leitura de textos que minha curiosidade e minha experiência intelectual me sugerem ou que me são sugeridos por outros (FREIRE, 2001, p. 260).

No processo de formação de leitores, o ato da leitura e da escrita conduz os educandos a um processo de conhecer e aprender os significados, não apenas os símbolos linguísticos, mas significados que ajudem o aluno a viver uma vida com mais realizações, independentemente do meio que esteja inserido, seja na escola, em sua própria casa, igreja, etc. O primeiro passo nesse sentido é oferecer aos mesmos uma educação que os oportunizem desfrutar de sucesso em sua vida social.

Gadotti (2003, p. 21) afirma que

O papel da educação não pode ser confundido apenas com sua ligação fundamental e intrínseca com o conhecimento e, muito menos, com a pura transmissão de informações. Educação no mundo globalizado tem função menos lecionadora e mais organizadora do conhecimento.

O papel do professor é muito importante para o desenvolvimento dos seus alunos, pois cabe a ele promover o desenvolvimento cognitivo dos educandos. Segundo Emília Ferreiro (1993, p. 25) “Conhecer quais são esses processos de compreensão infantil dota o alfabetizador de um valioso instrumento para identificar momentos propícios de intervenção nesse processo [...]”.

Buscar compreender as dificuldades encontradas pelos alunos na construção da escrita facilita o trabalho do professor ao selecionar e aplicar as atividades em sala de aula, visando o avanço nas aprendizagens. Quanto mais o educador compreender o processo pelo qual se dá a construção da escrita, mais satisfatório será seu trabalho. Sendo assim, deve criar um ambiente propício, onde seus educandos se sintam à vontade e tenham a liberdade de dialogar e discutir os temas propostos pelo seu professor.

O educador não pode deixar seu papel de mediador nesse processo de ensino-aprendizagem. É preciso que o professor tenha consciência de que ao mediar o processo de aprendizagem do aluno na leitura, não estará transmitindo o conhecimento, mas sim incentivando o aluno e criando possibilidades para que o mesmo tenha autonomia crítica, produtiva e criativa.

Para Ganguçu (2013), a negligência desse papel mediador pode ter como consequência a formação de alunos apenas alfabetizados, incapazes de serem sujeitos críticos e leitores ativos que tenham algum grau de compreensão sobre o que se lê.

A aprendizagem da leitura é uma concepção que não se desenvolve de um dia para o outro, mas se adequa de forma progressiva. Por isso, essa aprendizagem não se adquire apenas no primeiro ano da vida escolar. Ela precede ao ingresso na vida escolar, uma vez que faz parte do processo de aquisição da linguagem, seguindo além, em pleno desenvolvimento. “Ler é um processo que ultrapassa a vida escolar, vai ao longo de toda a vida (ZIBERMAN, 1988, p.113).

De acordo com Ferreiro e Teberosky (1991, p.26) “as crianças antes da sua entrada para a escola, já tem construções mentais sobre a leitura e escrita e não se limitam a receber passivamente os conhecimentos”. Para essas autoras, a criança já chega na escola, trazendo consigo uma “bagagem” breve de interpretação de leitura de mundo, uma vez que a mesma já sabe interagir com situações que a rodeia no seu contexto familiar. Sendo assim, busca consolidar novas experiências com o que já foi adquirido no decorrer da vida até esse momento.

A leitura é uma aquisição necessária para a percepção da realidade do indivíduo, de seus problemas e conflitos, facilitando a aquisição de diferentes pontos de vista desta realidade a fim de que possa intervir positivamente na sociedade. Corroborando com esse pensamento, Bortoni-Ricardo (2012, p. 87), pontua que

É consenso que a leitura é essencial para o indivíduo construir seu próprio conhecimento e exercer seu papel social no contexto da cidadania, pois a capacidade leitora amplia o entendimento de mundo, propicia o acesso a informação, facilita a autonomia, estimula a fantasia e a imaginação e permite a reflexão crítica, o debate de a troca de ideias.

Para Silva (2002), a leitura se faz presente em todos os níveis educacionais da sociedade letrada e começa no período da alfabetização, fase em que a criança passa a compreender o significado de mensagens e faz registros por meio da escrita.

Conforme afirma Cagliari (1993) em primeiro lugar o leitor decifra a escrita, depois entende a linguagem, em seguida decodifica as implicações do texto e finalmente reflete e forma o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu.

A constante interação de significados, elementos culturais do leitor, aprende-se a partir de uma leitura que vai além de um ato visual, pois envolve técnica, relação entre leitor e texto, acuidade intelectual, sensibilidade, experiência, postura crítica e sistemática e associações que só podem ser adquiridas através da prática.

Para o leitor interagir através de informações que poderão servir para toda a sua vida, o ato de ler faz parte de um processo que ultrapassa o limite da leitura visual, cresce o desejo de participar da construção do conhecimento de forma afetiva. Assim a leitura torna-se um processo de interlocução entre o leitor e o texto, se dá através não somente do intelecto, mas dos sentidos e das emoções.

O hábito de ler deve ser desenvolvido desde a infância, sendo mantido pelo resto da vida. A partir do momento que a leitura envolve os leitores e os levam a conhecer o mundo da imaginação, o hábito se consolida.

Quando a criança aprende a ler são necessários alguns registros, visualizar e identificar as letras impressas e perceber cada símbolo gráfico correspondente a um

determinado som é um deles. Porém, se espera mais que isso, visto que é de grande importância que haja não apenas uma decodificação de símbolos e sim a interpretação do que foi lido. Moraes (2004, p. 17) explica da seguinte maneira:

Este processo inicial da leitura, que envolve a discriminação visual dos símbolos impressos e a associação entre palavra impressa e som é chamado de decodificação e é essencial para que a criança aprenda a ler. Mas, para ler não basta apenas realizar a decodificação dos símbolos impressos, é necessário que exista, também, a compreensão e a análise crítica do material. Sem a compreensão, a leitura deixa de ter interesse e de ser uma atividade motivadora. Na verdade, só se pode considerar realmente que uma criança lê quando existe a compreensão.

A prática da leitura vai sendo associada à difusão da escrita, a fixação do texto, e à alfabetização, tudo isso é importante para o processo da leitura, que exige novos conhecimentos. Para Kleimam (2002), o processo da leitura vai se tornando mais simples por meio da continuidade da mesma, assim o leitor passará conhecer o léxico e a semântica do texto.

A leitura não deve ser estimulada somente para o prazer, mas sim com o objetivo de promover a capacidade reflexiva e crítica. Essa habilidade é adquirida quando o professor abre espaço para discussões, dando oportunidade aos alunos de expressarem suas opiniões, repensando suas ideias acerca do tema abordado, ou mudando o final da história.

Nesse sentido, a pesquisa de Langoni (2016), intitulada *Macanudo: formando leitores crítico* aborda em seu bojo a preocupação com a formação do leitor crítico por meio do gênero textual história em quadrinhos, tem como aporte teórico a perspectiva bakhtiniana de linguagem e de mediação de Vigotski. A autora afirma a importância da mediação do professor na formação de leitores críticos e da necessidade uma concepção de linguagem dialógica na constituição de leitores ativos e responsivos, concluindo que as práticas de leitura realizadas nas escolas ainda carecem de um trabalho que traga reflexão crítica sobre os textos/temas propostos nas aulas.

A autora considera que é premente a necessidade de um modelo de formação que favoreça o trabalho com gêneros textuais que propiciem a compreensão das várias possibilidades de leitura, que saibam considerar os saberes dos alunos e, ao mesmo tempo, que estejam habilitados para preparar os sujeitos para intervir

qualitativamente em sua prática social. Sua pesquisa dialoga com a percepção de leitor crítico, entendendo que este deve ser formado pela escola a partir de estratégias metodológicas que privilegiem a mediação pedagógica na formação da consciência crítica do aluno por meio de uma concepção de linguagem constitutiva de sua identidade, revelando um sujeito situado historicamente.

É importante que a escola amplie os espaços de incentivo ao ato de ler. Dessa forma, promoverá o aumento da riqueza de vocabulário, a desinibição, ajudará os alunos a adquirirem desenvoltura e a fazerem uma aproximação com os conhecimentos sociais. Ler não significa identificar as palavras, mas fazê-las terem sentido, compreender, interpretar, relacionar e reter o que for relevante.

Uma questão de grande relevância diz respeito à formação dos professores enquanto agentes de letramento, ou seja, agente de contribuição do processo de aprendizado da leitura e escrita, compreensão e produção. Segundo Karwoski (2010), existe urgência na necessidade da condução do aluno à leitura por parte de todos os professores da Educação Básica.

Segundo Bortoni-Ricardo et al (2010), a formação docente tradicional é incompatível com as necessidades da prática cotidiana exigida pela profissão. Mesmo porquê os moldes tradicionais da formação docente enfatizam a prescrição e normatização do processo de leitura apenas dentro da escrita segundo a norma padrão, enquanto a necessidade que se tem é de que o professor tenha domínio sobre o ato de se ensinar a ler e escrever trazendo o aluno para a realidade da escrita e também da fala, de situações sociocomunicativas presentes em seu cotidiano (FERREIRA E FREITAS, 2013).

Para Signorini (2012), a formação tradicional dos professores focaliza gêneros também tradicionais, escolares, tais como narração, descrição, argumentação, entre outros, tolhendo a formação de alunos que utilizem a língua em contextos sociais reais. Por isso, o desenvolvimento de recursos que facilitem a integração da língua oral com as competências de leitura e escrita que serão aprendidas em sala de aula, faz parte das atribuições do professor, segundo Bortoni-Ricardo et al (2010).

Portanto, é necessário se pensar a prática pedagógica da leitura a partir do reconhecimento dos saberes dos educandos e do que as culturas em que estão inseridos podem acrescentar ao conhecimento adquirido em sala de aula. Para isso, os professores precisam ser sensíveis aos processos de aprendizagem dos alunos, levando em consideração o uso da leitura e da escrita em contextos reais de comunicação que possuam significação. Favorecendo, dessa maneira, a participação crítica tanto do aluno quanto do professor.

#### **2.4.1 Escola: estrutura essencial para a aprendizagem da leitura**

A escola, assim como outros espaços sociais, como por exemplo o convívio familiar, é um dos ambientes mais importantes para se compartilhar conhecimentos. Seu maior objetivo é fazer com que os alunos se apropriem da habilidade da leitura, sendo essa de extrema importância para a formação do sujeito, nas suas diversas dimensões, desde a psíquica até a formação humana integral, que permite sua integração e ascensão social. A prática da leitura conduz ao hábito de ler, e posteriormente, à compreensão do que se leu, que é indispensável para a vida social e cultural do indivíduo.

É preciso reconhecer a diferença entre leitura enquanto decodificação e leitura significativa. Nesse sentido, Bamberger esclarece que,

A leitura favorece a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas de educação principalmente através da promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual, e aumenta a possibilidade de normalização da situação pessoal de um indivíduo (BAMBERGER, 2008, p. 11).

A prática da leitura se faz presente na vida das pessoas desde o momento em que passam a compreender o mundo a sua volta. No constante desejo de decifrar e interpretar o sentido das coisas que os cercam, de perceber o mundo sob diversas perspectivas, de relacionar a ficção com a realidade em que vivem, no contato com um livro, enfim, em todos esses casos, está de certa forma lendo, embora muitas vezes o indivíduo não se dê conta disso.

Freire (2008, p. 11) postulava que “[...] A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”. Freire aponta que antes mesmo do contato com o livro o indivíduo já tem um contato com a leitura do mundo, com sua experiência de vida, pois cada ser tem uma maneira de interpretar e ver as coisas que os rodeiam. Por isso, a leitura do mundo é sempre fundamental para a importância do ato de ler, de escrever ou reescrever e transformar através de uma prática consciente. Isso equivale a dizer que a realidade cotidiana do aprendiz está diretamente refletida no processo de conhecimento e interpretação das palavras e frases escritas. Com isso, a leitura é uma forma de atribuição contínua de significado, os quais precisam ser desvelados pela compreensão do ser humano, pela sua subjetividade. Assim, a leitura é um dos grandes elementos da civilização humana.

Maria Helena Martins (1986) também afirma que o ato de ler vai além da escrita. “Enfim, dizem os pesquisadores da linguagem, em crescente convicção: aprendemos a ler lendo. Eu diria vivendo”. (MARTINS, 1986, p.14). É notável que tanto para Martins (1986) quanto para Freire (2008) a experiência do mundo que precede a leitura é antes de tudo viver, cada pessoa tem sua experiência de mundo e, ao ler, muitos se identificam na leitura escrita.

A prática da leitura da palavra é um fator que deve ser realizado em diferentes espaços físicos da escola, fazendo uso de livros didáticos e literários, revistas, jornais, entre outros, a fim de transformar em qualidade a relação textual com o mundo leitor. O incentivo à leitura deve partir do professor em sala de aula, dos pais e da sociedade, pois assim os alunos passarão a buscar leituras individualizadas. Dessa forma, o texto quando lido com intenção de compreendê-lo tem o poder de transformar o leitor passivo em um leitor crítico e agente capaz de modificar e formar conceitos. Por isso é importante o uso da biblioteca escolar, a qual deve ser amplamente explorada pelos professores para que os alunos tomem gosto pelas leituras diversas, a qual pode ser vista como propagadora da função social do ato de ler.

É comum as escolas destinarem um espaço para a leitura, os quais são chamados de sala de leitura ou biblioteca escolar. No entanto, as escolas vêm

mostrando que na prática muitas bibliotecas escolares estão sendo utilizadas inadequadamente, sob a visão de um conceito ultrapassado. Assim, é comum vê-las como simples depósitos de livros, isso tanto na rede pública como na rede privada.

Conforme Freire (2008, p. 22), “A compreensão crítica da alfabetização, que envolve a compreensão igualmente crítica da leitura, demanda a compreensão crítica da biblioteca”. Dessa forma, é preciso que a escola proporcione aos alunos o contato com a leitura, que os ensine a ler. Para tal prática, a biblioteca escolar é um espaço perfeito para que todos que nela atuam possam usufruir de seus livros como fonte de experiência, formando assim, cidadãos leitores.

Mesmo que o espaço seja pequeno, é preciso que o aluno tenha esse contato com o livro na biblioteca: frequentá-la para fazer pesquisa, estudar e também locar livros para ler no seu dia a dia. Porque a escola é o lugar de aprendizagem permanente, é preciso aproveitar das coisas boas que lá existem. O ambiente da biblioteca deve ser confortável, arejado, limpo, organizado, pois esse espaço físico também incentiva o aluno a ler, mesmo não sendo um espaço grande.

Com isso, a biblioteca serviria como suporte para a leitura em sala de aula. Pois, a partir do momento em que o aluno passar a frequentar a biblioteca, seu interesse pela leitura também passará a ser maior e, sem dúvida, esses alunos lerão com mais liberdade, tanto individualmente, no dia-a-dia, como em sala de aula. Este deve ser um compromisso de todos os professores da escola, assim, a biblioteca se transformaria num grande espaço ativo para melhorar os índices de leitura.

Sabe-se, conforme Freire (2008), que é praticando a leitura que se aprende ser um bom leitor, já que:

Se é praticando que se aprende a nadar,  
Se é praticando que se aprende a trabalhar,  
É praticando também que se aprende a ler e a escrever.  
Vamos praticar para entender  
E aprender para praticar melhor. (FREIRE, 2008 p.47)

É preciso que essa prática de leitura comece na escola, pois muitos alunos não cultivam o hábito de ler em casa, desse modo, a escola é a porta do conhecimento que fornece as condições básicas para o aprendizado permanente.

A biblioteca é um ambiente propício para a leitura, e sabe-se que a escola representa a única oportunidade de ler que muitos alunos têm, talvez, única oportunidade de contato com os livros que são identificados como livros didáticos. Portanto, é necessário propiciar, no espaço da biblioteca, uma leitura viva, diversificada e criativa, representando a forma de pensar, de agir e sentir de cada aluno.

Mesmo quando a escola que não possui uma biblioteca adequada para a leitura, é possível levar o aluno a ler em sala de aula com o auxílio e motivação do professor, visto que, toda escola tem pelo menos um lugar onde os livros são depositados, isto é, um lugar que por muitos são chamados de biblioteca e que é esquecido pelo corpo docente. Cabe ao professor selecionar os livros a serem trabalhados e levar para suas aulas, ou levar textos que condizem com a realidade e faixa etária da turma, incentivando-a a leitura.

A leitura no ambiente escolar é importante porque é importante na sociedade. Quando o aluno lê, os sentidos e valores que possui acerca dos fatos do mundo, acerca da vida e das pessoas entram em contato com os valores e sentidos veiculados nos textos. Com isso, a leitura na sala de aula serve para o aluno aprender a participar das práticas sociais de leitura que acontecem em todos os espaços onde as pessoas circulam, seja no restaurante, shopping, no trabalho, em todo lugar.

As atividades de leitura nas primeiras aulas devem ser livres para não travar ou obrigar o aluno a fazer o que não tem vontade, ou seja, eles devem ser motivados pelo professor a lerem textos interessantes, pois há diversos tipos de textos que podem e devem ser estudados em sala, de forma a não se tornar cansativo.

Freire (2008), mostra que ao ler é preciso pensar certo, ou seja, saber argumentar e ter sua própria opinião. O autor diz que, “Quando aprendemos a ler e a

escrever, [...] devemos pensar sobre a nossa vida diária. [...]. Aprender a ler e escrever não é decorar “bocados” de palavras para depois repeti-los.” (FREIRE, 2008 p. 56).

Dessa forma, o aluno que lê e interpreta passa a ter um gosto pela leitura, pois compreende aquilo que está escrito. Pensar certo é entender e descobrir o que pode estar escondido nos fatos e nas coisas, naquilo que se analisa e observa. Freire (2008 p. 59), acrescenta que “um texto para ser lido é um texto para ser estudado. Um texto para ser estudado é um texto para ser interpretado. Não podemos interpretar um texto se o lemos sem atenção, sem curiosidade”.

Com base nisso é preciso que o aluno leia com atenção. É necessário que o professor o motive, mostrando o que há nas entrelinhas, nas figuras, no título, isto é, em tudo que pode despertar a curiosidade do aluno. Assim, criar condições de leitura trata-se de dialogar com o leitor sobre sua leitura, ou seja, sobre o sentido que ela dá: seja a algo escrito, quadro, coisas, sons, imagens, ideias, situações reais ou imaginárias. Dessa maneira, o aluno que lê mais ou que passa a ter o hábito de ler revelará um desempenho melhor, pois se posicionará diante dos fatos e acontecimentos, tornando-se capaz de selecionar os textos que atendem uma necessidade sua, interpretando, analisando e produzindo com eficácia.

Segundo Paulino (2001, p.156), “as leituras, em sua diversidade, mobilizam emoções, incitam reflexões, transmitem conhecimentos, envolvendo, como se viu, diferentes saberes. Se os textos se diversificam, também as leituras devem ser diferentes”. Assim, a leitura em sala de aula deve ser variada, isto é, diferenciar quanto ao gênero: notícias de jornal, poemas, contos, poesias e tantos outros.

Essa prática da leitura em sala de aula só terá um bom desenvolvimento se o professor tiver o hábito de ler. É preciso que antes de levar um texto para seus alunos, primeiro o educador tenha conhecimento prévio, ou seja, prepare antes suas aulas de leitura, pois só assim ele será mais tolerante tanto para avaliar quanto para selecionar os textos a serem lidos. Lembrando que o professor de qualquer disciplina, desde Educação Física a Matemática é, antes de tudo, um professor de leitura, pois essa não é uma tarefa exclusiva do professor de Português. O professor de matemática, por exemplo, ao passar problemas para os alunos responderem, esses são levados a

interpretar o enunciado para resolverem tais exercícios. Com isso, para ter uma ótima interpretação é preciso antes de tudo fazer uma boa leitura.

## 2.5 A LEITURA COMO INSTRUMENTO NA FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS: UMA QUESTÃO A SER REPENSADA

O trabalho com a leitura precisa ser visto, principalmente nos anos das séries iniciais, que é a base inicial em que os alunos estão construindo o gosto pelo ato de ler. Incentivar o gosto pela leitura é papel da escola. É de grande importância que a escola contribua na preparação de alunos capazes de participar como sujeitos do processo de desenvolvimento da aprendizagem:

Entendemos que o ensino de leitura deve ir além do ato monótono que é aplicada em muitas escolas, de forma mecânica e muitas vezes descontextualizada, mas um processo que deve contribuir para a formação de pessoas críticas e conscientes, capazes de interpretar a realidade, bem como participar ativamente da sociedade (OLIVEIRA, QUEIROZ, 2009, p. 2).

A leitura na sala de aula é um momento importante, porém, só acontece em algumas escolas, visto que em outras pode ser um desafio. O ensino de leitura requer muito do professor, que nesse caso se posiciona como o principal mediador de ensino, ele deve selecionar diversificados tipos de textos, elaborar métodos e incentivar os alunos.

Ensinar leitura ultrapassa a mera decodificação, pois trata-se de se construir um conjunto de habilidades em que vários requisitos estão envolvidos, como por exemplo, chamar a atenção do aluno para a criticidade, deixar o mesmo à vontade na hora da escolha do texto, com a supervisão do professor permitir que esse leitor exponha suas dúvidas, leva-lo além de uma mera junção silábica, conduzindo-o a uma transformação no seu interior. É uma junção entre o implícito e o explícito, entre o contexto e as práticas discursivas.

Os professores precisam entender mais e buscar informações de como fazer para incentivar os alunos a terem gosto pela leitura, já que na maioria das vezes os alunos estão sujeitos a lerem aquilo que é proposto pelo professor, e não tem suas escolhas respeitadas. Essa questão deve ser repensada, pois o professor pode ao

mesmo tempo propor suas sugestões e também se valer de vários tipos de textos, visando o gosto e o interesse dos alunos. Sendo assim, ambos terão suas individualidades satisfeitas e os alunos serão conduzidos a se tornarem sujeitos críticos na construção dos seus próprios conhecimentos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) definem leitor competente como sendo alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Ou seja, alguém que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade.

O documento também destaca que formar um leitor competente supõe formar alguém comprometido com o ato de ler; que possa aprender a ler o que está escrito, identificando elementos implícitos; que seja capaz de estabelecer relações entre o texto lido e outros textos com que já teve contato; que saiba sobre vários sentidos a serem atribuídos a um texto e consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos.

Para a constituição desse leitor, é necessário desenvolver um trabalho constante de leitura de textos reais, organizado a partir da diversidade de gêneros encontrados no cotidiano. Vale salientar sobre essa atividade que pode e deve envolver todos os alunos, inclusive aqueles não totalmente alfabetizados, ou seja, que ainda não sabem ler convencionalmente.

Para Kramer (1998) o leitor se constrói de forma complexa, nas práticas reais de leitura, com gestos, materiais impressos, desejo de ler, através do contato físico e íntimo com o livro. Sendo assim, a escola deve propiciar aos alunos esse contato desde cedo.

É muito comum ouvirmos de colegas professores que os alunos em processo inicial de alfabetização ainda não são capazes de interpretar textos pois não dominam a habilidade de ler. A partir de diversos estudos realizados na área da leitura, é possível afirmar que essa é uma ideia equivocada, pois desde cedo os alunos necessitam ser submetidos a situações de leitura de textos que tenham circulação

social e, portanto, sejam significativos para eles. Nesse momento, o professor guiará todo o processo de leitura e compreensão explorando, principalmente, a parte da oralidade. Isso ajudará o aluno, a ser um leitor mais autônomo, capaz de ler um texto e construir uma interpretação pertinente sobre ele.

Todo leitor competente, quando lê, utiliza-se, mesmo que de forma inconsciente, de estratégias que lhe ajudam a orientar a leitura com vistas a chegar à compreensão do lido. De acordo com Solé (1998), durante a leitura, quando surge algum obstáculo na compreensão, o leitor entra em um estado estratégico e, plenamente consciente daquilo que persegue, coloca em funcionamento algumas ações que podem contribuir para a consecução do seu propósito. Essas ações são estratégias leitoras de que o leitor lança mão para superar o obstáculo surgido.

Desse modo, o leitor está constantemente avaliando sua leitura e verificando se a compreensão ocorre de modo satisfatório, que o leve a alcançar os objetivos almejados. Essa é uma característica própria do leitor ativo, que interage com o texto e se coloca diante dele, como alguém que também tem algo a contribuir nesse processo.

A aquisição dessa competência não se dá de forma automática. O leitor precisa ser orientado pelo professor sobre como proceder diante de uma dificuldade encontrada na leitura de um texto que compromete sua compreensão. Essa orientação é papel do professor, que precisa tomar o ensino da leitura como um conteúdo que tem o mesmo, ou até mais, grau de importância que os demais conteúdos para a vida do aluno.

Segundo Solé (1998), estratégias de leitura são procedimentos de caráter elevado, que envolvem a presença de objetivos a se realizarem, o planejamento das ações que se desencadeiam para atingi-los, assim como sua avaliação e possível mudança. Então, ler é algo que exige do leitor uma supervisão da ação, ou seja, automaticamente o leitor ativo está verificando o processamento de sua leitura e lançando mão de determinadas estratégias para resolver eventuais problemas de compreensão que surgem durante a leitura.

Diferentemente dos demais procedimentos que nos permitem ordenar nossas ações e finalizá-las com vistas à consecução de uma meta, ligadas a tarefas mais concretas, as estratégias são —suspeitas inteligentes (SOLÉ, 1998), que não descrevem totalmente o curso de uma ação, mas indicam o caminho mais adequado que devemos seguir. Elas envolvem nossa capacidade de pensar sobre a ação que estamos desenvolvendo ao mesmo tempo em que controlamos e regulamos nossa atuação.

Teberosky (2003) afirma que estratégias de leitura são um meio para a compreensão, e não uma finalidade em si mesma. Elas consistem em ajudar os alunos a alcançar as cotas mais elevadas de autonomia, que lhes permitirá dirigir e regular a própria aprendizagem sem a presença necessária do professor, tutor ou outro adulto. Através do uso das mesmas, o aluno pode caminhar com maior autonomia a trilha de sua aprendizagem enfrentando os desafios que se apresentam no decorrer de sua leitura.

Desse modo, a partir do ensino das estratégias de leitura o professor pode transferir progressivamente para o aluno a responsabilidade de construir sua própria compreensão do texto, se portando diante dele como um leitor ativo capaz de, durante a leitura, perceber quais obstáculos terá que vencer para entender o texto em questão.

Sendo assim, utilizar as estratégias de leitura se constitui como uma habilidade própria dos leitores proficientes, pois de acordo com as autoras, ser capaz de interrogar-se sobre a própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte do seu acervo pessoal são características inerentes ao leitor autônomo. Desse modo, o ensino de estratégias de compreensão contribui para dotar os alunos de recursos necessários para aprender a aprender. É através delas, as estratégias, que o leitor será capaz de diante de um obstáculo buscar informações em outras fontes, sejam elas outros textos, dicionários, o próprio contexto, para solucionar problemas de compreensão.

De acordo com Serra e Oller (2003), o ensino das estratégias de leitura deve ser considerado também como objetivo de ensino e aprendizagem nos diferentes contextos linguísticos, sejam próprios da área de linguagem ou de qualquer outra área

do currículo. Tal afirmação nos faz perceber que o domínio de estratégias de leitura pelo leitor facilita a compreensão de textos de qualquer área do conhecimento, contribuindo, assim, para uma melhor aprendizagem do texto em estudo.

Contudo, é pertinente afirmar que, ainda é bastante comum os professores das demais áreas do conhecimento atribuírem ao professor de Língua Portuguesa a responsabilidade de ensinar os alunos a ler e escrever e, portanto, ensinar as estratégias de leitura que estes também usarão para compreender os textos das outras disciplinas do currículo. Tal realidade limita o ensino da leitura apenas às aulas de Português e os alunos perdem a oportunidade de aprenderem mais sobre como se lê e como se escreve a partir de textos discutidos nas disciplinas de História, Geografia, Matemática, Ciências etc.

Talvez falte a esses professores a compreensão de que ler e escrever são duas habilidades indispensáveis aos alunos e que sem o domínio delas possivelmente não conseguirão se desenvolver em termos de aprendizagem. Sendo assim, cabe a todo e qualquer professor explorar esses dois conteúdos em suas disciplinas, pois o avanço dos alunos na leitura e na escrita significa a aquisição de um melhor resultado na aprendizagem de todas as demais áreas. Sabemos que todas as áreas do conhecimento trabalham seus conteúdos a partir de textos, os quais também deveriam ser utilizados para explorar aspectos de leitura e escrita, inclusive o ensino das estratégias que auxiliarão os alunos a compreenderem melhor os textos estudados.

Solé (1998) afirma que, enquanto procedimentos, as estratégias precisam ser ensinadas, uma vez que elas não surgem no leitor de forma natural e espontânea. No entanto, é importante ressaltar que as estratégias de leitura não devem ser ensinadas de forma sequenciada, obedecendo a uma hierarquização, pois não é o domínio de um amplo repertório de estratégias que garantirá ao leitor a compreensão do lido, mas saber usar determinadas estratégias leitoras em momentos adequados.

Apesar de a literatura apresentar as estratégias, seguindo uma sequência e separando as que o leitor utiliza antes, durante e após a leitura, facilitando didaticamente a explicação sobre elas, vale salientar que tais estratégias são utilizadas simultaneamente em momentos diversos no trabalho com a leitura e,

portanto, não devem ser entendidas como um conjunto de habilidades que devem ser ensinadas ou treinadas seguindo uma hierarquia.

A utilização de certas estratégias em determinados momentos será definida pelo leitor e dependerá de seu objetivo com a leitura e do surgimento ou não de possíveis problemas na compreensão do texto em questão. Sendo assim, ao ensiná-las para os aprendizes leitores não devemos seguir essa ordem apresentando as que usamos antes, durante e depois da leitura, mas iremos utilizando-as e explorando-as à medida que formos lendo o texto, de modo que os alunos não fiquem preocupados com essa separação. Vale salientar que uma mesma estratégia pode ser utilizada nos três momentos: antes durante e após a leitura.

Sabendo da importância que as estratégias de leitura têm para a efetivação de uma boa leitura, iremos discorrer um pouco, no tópico abaixo, sobre aquelas que podem ser acionadas antes da leitura.

### 3 CONCEITO DE LEITORES CRÍTICOS

Leitor crítico é um termo que se refere àquele indivíduo cuja imaginação vai além de uma simples leitura e interpretação do texto. Na maioria das vezes o leitor crítico não fica preso apenas no contexto que lhe foi proposto, ele sempre se colocará em alerta, não concordando totalmente com o que lhe foi sugerido. A sua imaginação sobressai do limite físico e real, pois ele entende que pode ser transportado para além do contexto em que se encontra. Mesmo quando lhe é proporcionado um texto que envolva entretenimento, ele é capaz de compreender o porquê o autor deu um rumo diferente ao final do mesmo, sabendo o leitor que o outro final seria demais coerência para o fim dessa determinada história.

O leitor crítico sabe que todo texto tem um fundamento, quer seja para entreter ou relaxar, mas sempre tendo uma visão que tem algo muito além do que um simples texto.

Aquele que, lendo um texto, é capaz de discutir ideias, expor interpretações individuais e partilhar das experiências geradas pela incursão nos textos, em suma, alcançar o adentramento crítico da leitura feita (UCHÔA, 1991, p.76).

A reformulação do ensino no Brasil é uma questão em torno da qual, estão centradas inúmeras discussões, visando à formação de um cidadão mais crítico, reflexivo e capaz de atuar na sociedade em seu favor, considerando os valores éticos, morais e sociais. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, regulamentada em 1998 pelas Diretrizes do Conselho Nacional de Educação e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, procurou atender as necessidades de atualizar a educação básica de maneira que o ensino médio não se configurasse apenas como um elo entre o ensino fundamental e o ensino superior, tão pouco fosse apenas preparatório para colocar os estudantes no mercado de trabalho.

Dessa forma, o que se propõe é o ensino médio como etapa final da educação básica, que deve garantir além da aquisição de conteúdos programáticos essenciais para a contextualização dos conhecimentos científicos, uma formação crítico-social para dar ao jovem condições de enfrentar o mundo com mais segurança. E a tarefa de formar leitores é de responsabilidade dos educadores das diversas disciplinas não

apenas de Língua Portuguesa, já que a leitura é instrumento de apropriação do conhecimento, é ferramenta que permite aprender a aprender, configurando-se como uma atividade de ensino em todas as áreas.

De acordo com Kuenzer (2002, p. 101), “Leitura, escrita e fala não são tarefas escolares que se esgotam em si mesmas; que terminam com a nota bimestral. Leitura, escrita e fala – repetindo – são atividades sociais, entre sujeitos históricos, realizadas sob condições concretas”, promovendo a formação do sujeito crítico e reflexivo, uma vez que é através do desenvolvimento dessas habilidades que os estudantes podem posicionar-se em situações, sejam elas cotidianas ou não, com autonomia. Cabe à escola a tarefa de oportunizar ao estudante situações de ensino-aprendizagem que contextualizam os conhecimentos que os mesmos já trazem quando chegam a escola e os que vão adquirindo nas aulas, sem que haja ruptura.

Ser leitor é compreender situações para a formação cultural do indivíduo, ou seja, “[...] é condição para a verdadeira ação cultural que deve ser implementada nas escolas” (SILVA, 1991, p.79-80), atividade que pode contribuir para a formação do sujeito e também determina a sua condição de atuante no seu meio sócio-cultural.

Por isso, é mister desenvolver um trabalho que garanta ao aluno leitor, situações de aprendizagem voltadas para o caráter libertador do ato de ler em que “o leitor se conscientiza de que o exercício de sua consciência sobre o material escrito não visa o simples reter ou memorizar, mas o compreender e o criticar” (SILVA, 1991, p. 80). Construir significado para o texto é tão somente compreendê-lo, tarefa que não se constitui com tanta facilidade em se tratando da leitura de textos em sala de aula.

Para tanto, se faz necessário adotar práticas que priorizem em vez de fórmulas decoradas, o entendimento e a compreensão do que está sendo ensinado e conseqüentemente adote posturas que possibilitem fazer uso, desse conhecimento na vida prática, uma vez que tão importante quanto aprender a compreender é utilizar essa compreensão para se tornar uma pessoa apta a exercer sua cidadania e a fazer parte do mundo e do mercado de trabalho.

Segundo Kuenzer (2002, p. 101), “[...] ler significa em primeiro lugar, ler criticamente, o que quer dizer perder a ingenuidade diante do texto dos outros, percebendo que atrás de cada texto há um sujeito, com uma prática histórica, uma visão de mundo (um universo de valores), uma intenção”. A leitura crítica é geradora de significados, de forma que, ao ler, o leitor cria seu próprio texto com base no que foi lido, concordando ou discordando da ideia principal.

Isto faz com que seja diferenciada da decodificação de sinais, reprodução mecânica de informações que por muito tempo foi considerada como interpretação textual, virando prática habitual nas aulas de Língua Portuguesa a cópia de fragmentos do texto, para servir de resposta aos questionamentos feitos a respeito do que estava escrito, “[...] como atividade constitutiva de sujeitos capazes de interligar o mundo e nele atuar como cidadãos” (BRANDÃO E MICHELITTI APUD. CHIAPPINI, 1998, p. 22).

Dessa forma, não se deve apresentar para o aluno uma leitura estética que se centre no sentido primeiro das palavras, mas sim uma leitura que abra lacunas, que oportunize ao leitor, criar e recriar a partir do que foi lido. Assim, o trabalho com esse tipo de leitura pressupõe a formação de um leitor crítico e reflexivo e capaz de agir e interagir em sociedade, sensibilizados dos seus direitos e deveres e preparado para intervir no seu meio quando se fizer necessário. Entretanto, formar um leitor crítico é tarefa principal de um professor que também se encaixe nesse perfil, não sendo possível ao docente que não tem esse domínio, exigir do seu aluno algo que ele próprio ainda não utiliza ou não é capaz de fazer com autonomia.

Para Brandão e Michelitti apud. Chiappini (1998, p. 17) “O ato de ler é um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de inteligência de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação da palavra”. Compreendemos, então, que ler não é uma tarefa fácil, uma vez que se trata de capacidades humanas que muitas vezes encontram-se adormecidas, e reavivá-las requer tempo e estratégias atrativas o suficiente para atrair o leitor.

Para tanto, um texto não pode ser compreendido como algo pronto e acabado, pelo contrário, deve ser entendido como uma estrutura em acabamento, com lacunas, e que necessita que alguém o complete e atribua um caráter significativo.

Prosseguindo, Brandão e Michelitti apud. Chiappini (1998, p. 18) comentaram que “Se um texto é marcado por sua incompletude e só se completa no ato de leitura, se o leitor é aquele que vai fazer ‘funcionar’ o texto, na medida em que o opera através da leitura, o ato de ler não pode se caracterizar como uma atividade passiva”. O leitor precisa ser visto como peça fundamental no processo de leitura e na interação leitor-texto, interligado às demais atividades propostas em outras disciplinas, não devendo ser responsabilidade só do professor da disciplina de Língua Portuguesa.

Essa postura proporciona um ensino-aprendizagem mais contextualizado e voltado para o desenvolvimento do raciocínio crítico do estudante em qualquer uma das áreas de conhecimentos. Observamos que a leitura deve se apresentar como uma necessidade, um gosto para despertar o prazer no estudante para que ele possa absorver e aprender cada vez mais além de desenvolver suas competências leitoras dentro e fora da escola. Por isso, é que “A prática da leitura na escola precisa se assemelhar à prática da leitura fora da escola” (VELIAGO 1999, p.50).

Nessa concepção, a escola precisa rever seus conceitos e ter definido que tipo de leitor quer formar e que tipo de leitura está disponibilizando para seus alunos a fim de que se tornem leitores críticos. Começa-se, então, uma luta pela valorização da leitura e do ato de ler que pode começar na sala de aula, passar pela escola e repercutir no meio sócio-cultural que o estudante está inserido.

Essa luta pode chegar ainda a sensibilização dos leitores diante da necessidade de ler e compreender o que se está lendo. Uma vez que terá significância para a vida e para o trabalho.

Para Kleiman (1998, p.61)

[...] o ensino da leitura é um empreendimento de risco se não estiver fundamentado numa concepção teórica firme sobre os aspectos cognitivos envolvidos na compreensão de texto. Tal ensino pode facilmente desembocar

na exigência de mera reprodução das vozes de outros leitores, mais experientes ou mais poderosos do que o aluno.

De acordo com a autora acima mencionada, se o trabalho com a leitura na sala de aula não tiver embasado em uma concepção bem definida de leitura, ou seja, se o professor e a escola não tiverem teoria suficiente e objetiva bem definida acerca do que pretende através desse trabalho, o mesmo corre o risco de não se configurar em si, e também pode tomar outros rumos, distanciando-se do que se pretende que é utilizar a leitura para formar cidadãos cada vez mais críticos e reflexivos.

Pressupondo-se que no ensino fundamental os estudantes não estiveram em contato com atividades envolvendo a leitura, centrada em concepções definidas que focalizam a formação do leitor crítico e o despertar para o ato de ler, para compreender e gerar significado, sem se deter apenas ao que o autor quis dizer, mas complementando e recriando o sentido do que foi escrito “cabe ao ensino médio oferecer aos estudantes oportunidades de uma compreensão mais aguçada dos mecanismos que regulam nessa língua [...]” (BRASIL, 2002, p. 55). Dentre esses mecanismos, a leitura configura-se como essencial, uma vez que proporciona aos sujeitos que a realizam conhecimentos, tanto acerca da língua e seus elementos constitutivos quanto a conhecimentos relativos a vida social, cultural e principalmente no que compete aos saberes científicos.

Considerando as competências e habilidades propostas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, “o ensino de Língua Portuguesa, hoje, busca desenvolver no aluno seu potencial crítico, sua percepção das múltiplas possibilidades de expressão lingüística, sua capacitação como leitor efetivo dos mais diversos textos representativos de nossa cultura”. (BRASIL, 2002, p. 55). Pelo que se percebe, a leitura está presente nas mais diversas situações da vida do ser humano e cada vez mais se faz necessário explorá-la em sala de aula, utilizando mecanismos que desperte o senso crítico do aluno e deixe de ser encarada como atividade sem significado para o aprendizado dos estudantes.

Ler compreensivamente é utilizar uma prática que precisa ganhar cada vez mais espaço nas escolas e fora dela, pois é através desse ato que o indivíduo compreende o mundo e a sua maneira de nele atuar como cidadão, sensibilizado dos

seus direitos e deveres. Para isso, é mister considerar o que afirma Brandão e Michelitti apud Chiappini (1998, p. 22):

[...] a leitura como exercício de cidadania exige um leitor privilegiado, de aguçada criticidade, que, num movimento cooperativo, mobilizando seus conhecimentos prévios (lingüísticos, textuais e de mundo), seja capaz de preencher os vazios do texto, que não se limita à busca das intenções do autor, mas construa a significação global do texto percorrendo as pistas, as indicações nele colocadas.

Dessa forma, o ponto de partida para uma leitura verdadeiramente significativa é a formação do leitor crítico, sensibilizado da sua responsabilidade diante do ato de ler e da realização de uma leitura compreensiva, mais criteriosa diante da formação do cidadão para agir e interagir em seu meio social entende-se que o valor da leitura é primordial, principalmente diante dos números cada vez mais crescentes que mostram uma realidade dura em que a compreensão do que é lido nem sempre acompanha o que está sendo lido, considerando, também, que a leitura está intimamente relacionada com as questões sociais, culturais e econômicas nas quais o leitor está inserido.

Sendo assim, estudantes oriundos de um universo não letrado, que não tem contato com uma diversificada gama de gêneros textuais, nunca leram um livro ou nem sequer ouvem rádio e assistem televisão, apresentam dificuldades em relação ao ato de ler e compreender determinados textos, que outros estudantes, os quais fazem parte de um ambiente, que mesmo sem muita intencionalidade, circulam jornais, revistas, livros e a mídia, não apresentam. Principalmente na questão da contextualização do conteúdo que está sendo lido, e na sua relação de significado com a realidade.

### 3.1 A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DOS LEITORES CRÍTICOS

A formação de leitores críticos exige que os professores lancem mão de metodologias eficazes, no sentido de promover a formação de sujeitos que sejam capazes de identificar e expressar suas opiniões em diferentes contextos.

Portanto, faz-se necessário investigar os métodos utilizados na sala de aula, a fim de verificar se os mesmos estão favorecendo a formação de leitores no estrito

sentido e termo, uma vez que estamos conscientes de que a leitura não se baseia apenas em decodificações linguísticas, mas ultrapassa em muito essa visão. A leitura de determinada história deve despertar uma mudança interna do sujeito e esta mudança será refletida no mundo. Essa é uma das finalidades da leitura.

Existem muitos tipos de leitura a leitura pode ser descompromissada, prestando-se a cultura geral, a diversão e ao entretenimento, é adquirida por meio de jornais e revistas de atualidades. Mas também pode ser aquela que visa ao aprofundamento e ampliação do conhecimento, que se realiza com o apoio de livros e revistas especializadas, exigindo-se do leitor profunda concentração. Cada uma requer uma estratégia diferente para entendê-la, pois ninguém lê sem um objetivo.

É importante levarmos em conta que a prática de leitura não seja restrita apenas à decodificar, mas deve sim formar transformadores de opiniões. Mas para que isso ocorra é necessário que o professor compreenda essa ideia e se posicione como mediador nesse processo, pois é no espaço/tempo de sala de aula que o leitor será induzido a se posicionar e formar seu caráter. No ato de fazer a leitura ele se transporta para a história fazendo parte dos personagens e a partir deste momento, começa uma troca de valores, crenças e gostos.

Nessa perspectiva, o diálogo com a tese de doutoramento de Nascimento (2016), *O ensino da leitura literária nos anos iniciais do ensino fundamental: dimensões relativas à gestão e à estrutura escolar*, é relevante, já que sua análise enfatiza a importância da leitura literária para o ensino da leitura. Faz uma crítica às condições objetivas da materialização do trabalho docente no ensino da leitura. No contexto da abordagem sócio histórica, a autora, entende a educação como o processo de humanização do homem, sendo a linguagem (oral ou escrita) o elemento constituidor das apropriações histórico culturais das objetivações humanas. A linguagem é uma prática social constituidora do sujeito e do conhecimento. E, como toda prática social é influenciada por fatores sociais, econômicos, políticos e culturais, a autora identifica cinco dimensões para o trabalho com leitura literária na escola, entendendo que para um trabalho efetivo e de qualidade de leitura as cinco dimensões devem estar articuladas, são elas: formação de professores; planejamento e gestão

pedagógica; objetos de leitura e seus usos; avaliação e interlocução para a produção de sentidos.

A escola tem um papel fundamental no ensino da leitura, cabe a ela direcionar o leitor, uma vez que dependendo de como for trabalhada, pode transformar o aluno num leitor ou distanciá-lo de qualquer leitura.

A leitura que simplesmente valoriza os elementos do texto é uma concepção de leitura como decodificação da palavra escrita, sendo apontada por Kleiman (1993, p. 7) como responsável pelo fracasso escolar do aluno. Nesse sentido venho ressaltar que é necessário não apenas decodificar o que está escrito e sim interpretar o que se leu, dessa forma o leitor vai identificar na leitura um instrumento informação.

Logo, é fundamental que a escola comece a questionar sobre a realidade, usando o pensamento lógico, a criatividade, a intuição e a capacidade de análise crítica, revisando seus conceitos e refazendo um planejamento que esteja sendo eficaz para construção de leitores preparados para as diversidades.

Quando falamos em leitura, logo vem a nossa mente a leitura de um livro, jornal, revista, folheto. Sem dúvida o ato de ler estar sempre relacionado às palavras escritas, e o leitor é geralmente visto como um decodificador da letra. Mas sabemos que existem várias formas de leitura como: “ler a mão”; “ler o olhar de alguém”; “ler o tempo”; “ler o espaço” (MARTINS, 1994).

Com frequência folheamos um livro mecanicamente, “passando os olhos” pela leitura, como se o que estivéssemos lendo e nada nos acrescentasse. Reagimos assim quando aquela leitura não interessa, quando não sentimos a necessidade de lê-la. Se o texto for composto de gravuras e não nos chamou a atenção, não despertou nosso interesse pelo assunto, então olhamos, mas não interagimos com o texto lido (IDEM).

É a partir dessas considerações sobre as formas de praticar a leitura, que precisamos despertar nos alunos um interesse maior pelo o que leem, fazendo da leitura algo que chame atenção, para que o aluno ao observar um livro ou um texto

veja muito mais que sinais gráficos e sim algo que encha seus olhos, chamando sua atenção para a importância da leitura do que os mesmos têm em mãos, valorizando seus conhecimentos prévios para instiga-los a buscar mais informações no texto lido.

Segundo Lucyk (2003) a leitura faz parte do cotidiano, e amplia os limites do próprio conhecimento, para obter informações simples e complexas, para buscar diversão e descontração, que começa fora da escola e continua dentro dela. Para transformar a escrita em fala e interagir e compreender com os fatos escritos é necessário ler.

No entanto, uma coisa é saber a língua, isto é, dominar habilidades de interação, entendendo e produzindo enunciados adequados a diversos contextos, percebendo as dificuldades entre uma forma de expressão. “Outra coisa é saber analisar uma língua dominando conceitos e metalinguagem a partir dos quais se fala sobre a língua e se apresenta suas características estruturais de uso”. (GERALDI, 2003, p. 20)

Esse artifício do uso da linguagem compromete e dificulta a aprendizagem na escola de uma língua. Comprovar esta artificialidade é mais simples que se imagina. Na escola os textos são lidos apenas para responder questões previamente elaboradas, que chamamos de compreensão textual, não há preocupação em levar o aluno a refletir mais profundamente sobre o texto lido. O professor necessita apresentar para as crianças, adolescentes e jovens que, devemos ler não apenas para cumprir metas estabelecidas pela escola, mas como um ato prazeroso e fundamental para seu desenvolvimento educacional e social.

A leitura não deve ser usada como forma de castigo, ou seja, o aluno não pode ser mandado para as bibliotecas ou centros de multimeios das escolas simplesmente porque este se comportou mal em sala, mas ele precisa conhecer esses ambientes com a máxima curiosidade e vontade de descobrir um “mundo novo” através dos livros.

Algumas crianças têm o seu primeiro contato com livros em casa, através dos pais, mas a grande maioria tem esse encontro no ambiente escolar. A leitura proporciona inúmeros benefícios ao leitor desde o acesso ao conhecimento, prazerosos ou não. Mesmo assim, algumas pessoas não desenvolvem o gosto pela

leitura, e isso pode depender ou não da forma como você foi apresentado ou mediado nas suas experiências de leitura.

Conforme apresenta Barbosa (2013, p. 10):

A efetiva apropriação de texto pressupõe que o leitor, antes de exercer de forma autônoma essa prática, tenha tido um mediador, para quem os livros são familiares. A mediação, nesse sentido, é um ato de fazer com que as palavras, os textos circulantes na sociedade, os contos, os romances, os poemas, as palavras reunidas de maneira ética e estética numa obra, passem a fazer parte da experiência de vida do aluno.

Porém, além da consciência do seu papel, o professor precisa contar com uma escola que dê o suporte necessário para a prática docente. A escola deve auxiliar o trabalho do professor garantindo uma proposta pedagógica que propicie ao professor o bom desenvolvimento da sua prática; e ao aluno o acesso a uma educação de qualidade.

Em sua proposta pedagógica, a escola precisa estabelecer claramente o que os alunos devem aprender em cada etapa, até a conclusão do ensino fundamental. Dessa forma, todos os professores podem coordenar seus esforços para conseguir os melhores resultados.

Hoje, o educador deve se preocupar com a formação de cidadãos que tenham atitude e não apenas o domínio da intelectualidade. De nada servirá tantos conhecimentos se não forem transformados em benefício próprio as dificuldades que aparecem para todos.

O mundo da leitura é desafiante, e ter a possibilidade de promover o encontro entre leitura e aluno é encantador, levando em conta a grande chance de estar formando um ser humano atento e capaz de analisar criticamente a situação da sociedade em que vive, podendo inclusive interferir de diversas formas no mundo em que vive. É importante ressaltar que existem várias etapas de aquisição de habilidades leitoras ao longo da vida da criança e ela deve ser respeitada para que, conseqüentemente, a aquisição de padrões rudimentares, fundamentais e especializados de movimento, torna-se de vital importância para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e intelectual da criança. No entanto, o professor não pode pular

etapas, nem muito menos, desrespeitar os limites dessa criança, para isso, o mesmo precisa conhecer as habilidades, as limitações e a vontade de aprender desse aluno. Portanto, o projeto é visto como algo que irá influenciar positivamente na vida destas crianças ou destes adolescentes.

O professor tem o objetivo não só de fazer o aluno passar, mas, principalmente, despertar o interesse pelos conteúdos, inclusive os projetos de leitura, para isso, ele precisa contar com inúmeros recursos e metodologias, embora muitas escolas não contam com tantos recursos didáticos. Compete às escolas dar assistência e fornecer recursos para que os professores consigam ministrar suas aulas como fora planejado. Visto isso, implica dizer que a escola tem adotado todas as medidas necessárias para que os projetos sejam efetivados.

## 4 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DA LEITURA

A prática para se ensinar a leitura trata-se de estratégias ou métodos selecionados e utilizados pelo professor que irá conduzir o leitor a uma melhor experiência. Sendo assim, compreendemos que cada indivíduo não adquire conhecimento da mesma forma que outro, cada um assimila de uma maneira diferente.

[...]. As estratégias de leitura são procedimentos e os procedimentos são conteúdos de ensino, então é preciso ensinar estratégias para a compreensão dos textos. [...] no ensino elas não podem ser tratadas como técnicas precisas, receitas infalíveis ou habilidades específicas. [...] por isso ao ensinar estratégias de compreensão leitora, entre os alunos deve predominar a construção e o uso de procedimentos de tipo geral, que possam ser transferidos sem maiores dificuldades para situações de leitura múltiplas e variadas (SOLÉ, 1998, p.70).

De acordo com Solé (1988), as estratégias de leitura são métodos indispensáveis para o desenvolvimento do mesmo, que devem ter como objetivo a participação e sua compreensão, ou seja, mediante a realização da leitura o educando possa se interagir e compreender o que está lendo.

Logo, algumas abordagens se fazem necessárias a) Previsão ou antecipação: Diz respeito ao conhecimento prévio que o leitor traz consigo a respeito daquilo que lê; b) Inferência: através de seus pré-conhecimentos compreender o texto com suas próprias emoções, ou seja, dá sentido ao mesmo; c) Verificação: comprovação ou não de suas suposições levantadas; d) Seleção: especificar as informações como útil ou não para o entendimento do texto, (SOLE, 1988).

A importância em usar as estratégias de leitura levará o leitor a uma forma de compreender e interpretar o texto de maneira autônoma e também permitirá ao professor a perseverança em fazer um bom trabalho e assim colaborar na formação de um leitor, sendo esse crítico e reflexivo. Nesse mesmo aspecto em concordância com os PCNs:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por

letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas (BRASIL, 1998, 69-70).

Continuando com a ideia de Solé, a estratégia de leitura pode ser abordada em vários momentos, quer seja antes, durante ou após a leitura. Sabendo que na pré-leitura é feito um diagnóstico antes, durante, ou seja, no decorrer da leitura, pode-se absorver informações, sendo esse estabelecendo uma relação de informações apresentadas no texto e após a leitura, fazendo-se uma análise, se a mensagem do texto teve compreensão. Sendo assim o professor mediador principal nessa etapa de formar leitores deve levar o mesmo a entender a real importância do hábito da leitura, essas estratégias precisam a todo o momento estar nos métodos abordados pelo educador em sala de aula e conseqüentemente despertar seu aluno para a necessidade dessa prática que deve ser constante em seu cotidiano.

Percebemos que pelo fato de estarmos inseridos, “[...] numa sociedade onde os códigos verbais e visuais ocorrem entre si no processo de veiculação de informações, de transmissão de cultura, de incentivo ao lazer” (SILVA, 1991, p. 43), se faz necessários um trabalho mais eficaz nas práticas de trabalho, trazendo para sala de aula variedades de gêneros textuais, como por exemplo (notícias, reportagens, entrevistas, romances, histórias, poesias, receitas, recados, bilhetes, e-mails etc.).

Concordamos então com Rocco (1992), Silva (1991) e Ziberman (2006) que a escola exerce um papel fundamental na formação de leitores, sendo esses capazes de não somente ler, mas também compreender o que se leu, seja por meio da linguagem verbal, visual e conseqüentemente ser capaz de construir, criticamente, diálogos com seu entorno. Como mostra Rocco (1992, p.41): função menos lecionadora.

[...] existência de um outro tipo de leitor, social e individualmente diferente. E “este novo leitor que lê no meio dos outros está em perfeita osmose com seu entorno: ele não mais está só na imensidão do mundo. E seu ler encontra-se muito bem ancorado no reconhecimento de um grupo social”. Parece até mesmo que ‘a letra invadiu a vida’ e que para além dos leitores, permanecem as questões de leitura.

Compreendemos então, que a prática da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental, se torna um desafio, pois o mesmo é essencial na formação do leitor e conseqüentemente, passa a ser um aprendizado valorizado e exigido pela sociedade.

Nessa mesma linha de pesquisa, alguns aspectos se destacaram para refletirmos sobre os métodos de ensino que envolve a prática da leitura que são ensinados na escola em turmas de 1º ao 5º ano do ensino fundamental, como a escola, sendo mediadora nesse processo de ensino-aprendizagem, tem desenvolvido o trabalho com a leitura, quais os métodos de leitura são priorizados, como os professores entendem a leitura nessa etapa, que perfil de leitor pretende formar, o que o professor entende por formar um leitor crítico, levando em consideração essas abordagens.

#### 4.1 CONTANDO HISTÓRIA PARA FORMAR LEITORES CRÍTICOS

Um dos métodos de incentivar a leitura é o hábito de contar histórias “ouvir histórias é muito importante na formação de qualquer criança, é o início da aprendizagem para ser um leitor, tornar-se um leitor é começar a compreender e interpretar o mundo. Por isso precisamos “[...] ler histórias para as crianças sempre, sempre...” (ABRAMOVICH, 1993, p.17).

Todos apreciam uma boa história, mas muita pouca gente conhece o valor real dela [...] podemos afirmar que o valor real da história é ser instrumento educativo e deste ponto de vista, atende às necessidades humanas em todos os seus aspectos (CHAVES, 1963, p. 21).

O prazer de ler só é despertado em nós com incentivo de alguém, não é algo que nasce do “nada”, sendo assim cabe ao professor proporcionar variedades tipos de atividades (visuais, orais e escritas), que esses sendo contínuo venham encantar e transformar a leitura em prazer.

O primeiro contato da criança com um texto é feito, em geral, oralmente. É pela voz da mãe e do pai, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas tendo a gente como personagem, narrativas de quando eles eram crianças e tanta, tanta coisa mais.... Contadas durante o dia, numa tarde de chuva ou à noite, antes de dormir, preparando para o sono gostoso e reparador, embalado por uma voz amada... É poder rir, sorrir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a ideia do conto ou com o

jeito de escrever de um autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de gozação (ABRAMOVICH, 1991, p.16-17).

O caminho a ser percorrido para incentivar o hábito de ler deve ser incentivado na criança desde a infância, para que esta, desde cedo, entenda que ler é algo importante e pode se tornar prazeroso.

[...] ouvir e ler histórias é também desenvolver todo o potencial crítico da criança. É poder pensar, duvidar, se perguntar, questionar[...]. É se sentir inquieto, cutucado, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de ideia.... É ter vontade de reler ou deixar de lado de uma vez[...]" (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

É importante esclarecermos que não temos uma “receita pronta” para fazer com que o sujeito sinta prazer pela leitura, porém devemos enquanto educadores proporcionar meios para que o mesmo possa ser despertado sobre o quão é importante essa contribuição de novos conhecimentos, e assim, através dessa prática o educando venha receber a leitura de modo aprazível, natural e com objetivos positivos para o convívio social.

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica [...]. É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. Sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

Como exposto, é função dos professores e da escola resgatar o hábito de contar história, pois através dessa prática se pode abordar temas éticos, de cidadania e conseqüentemente levar o educando a imaginar, criar e buscar. Nessa mesma linha de pesquisa, Vieira (2007), nos aponta sobre a importância de obter o hábito de contar história, pois é através dessa prática, que o pensamento se desenvolve, resolvendo possíveis conflitos internos, tornando a criança com mais facilidade para desencadear problemáticas pessoais ou na vida cotidiana, como também compreender as diferenças que possa intervir na sua vida Cultural.

Conto histórias para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a História viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular a sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar significados para a nossa existência e reativar o sagrado (BUSATTO, 2003, p. 45- 46).

A leitura deve ser conduzida de forma interessante ao seu educando, visando a postura crítico-reflexiva que é necessário na formação intelectual das crianças, tendo como ponto de partida o professor e posteriormente esse trazer a existência das potencialidades reflexivas de seus educandos. “[...] é a partir daí que se pode falar do leitor crítico” (ZIBERMAN, 1995, p.25).

Assim é importante destacar que histórias contadas de forma alegre e agradável, podem sim, resgatar para as crianças a significância da leitura e consequentemente auxiliar na formação de novos leitores.

#### 4.2 PRODUTO EDUCACIONAL

O produto apresentado dispõe de um guia didático para leitores que foi originado a partir de uma série de leituras e pesquisas ao longo da carreira de professora por mim exercida. Consiste em propostas de práticas pedagógicas de leituras para os professores trabalharem com as séries iniciais, com o objetivo de formar leitores críticos, pois alunos que desde cedo adquirem esse hábito serão mais instruídos e informados acerca dos temas que os rodeiam. Nele se insere as etapas de preparação das atividades que antecedem as aulas, do antes, durante e depois da leitura e sugestões de aplicação de atividades para ativar: o conhecimento prévio, o trabalho de levantamento de objetivos e a elaboração de hipóteses dos temas lidos e propostos às conversas e debates gerados.

Diante desses aspectos, cabe ao professor direcionar e buscar maneiras que visem incentivar essa prática. Seguem algumas sugestões que podem colaborar nesse processo:

- 1) Criar na sala de aula um espaço específico para leitura, “O cantinho da leitura”. Esse espaço pode ser literalmente um canto da sala, bem decorado e colorido, de maneira que chame a atenção dos alunos e os convide a passar um tempo ali, com almofadas e tapetes no chão para que os discentes possam ler de maneira confortável. No “cantinho da leitura” o professor pode desenvolver diversas atividades conforme lhe for possível com o objetivo seja direcionar o aluno para maiores habilidades da leitura e da escrita.

2) Realizar atividades com foco nas práticas de linguagem, o que implica em direcionar o aluno a uma interação com todos os tipos de linguagem possíveis, a verbal e não verbal, por exemplo. Dessa forma, é proporcionado aos educandos a expressão de suas ideias acerca do contexto das obras a serem abordadas, as quais podem ser expressas oralmente ou através de atividades que envolvam pinturas, desenhos e figuras. Fica a critério do professor a periodicidade dessas atividades, podendo ser utilizadas ao final de cada conteúdo exposto, de maneira a fazer com que os alunos se aprofundem de forma prática e lúdica. Segue um exemplo de atividade, dividida em 4 passos:

1º) Ao concluir o conteúdo de substantivos, o professor pede que os alunos levem revistas ou livros que tenham em casa;

2º) Em sala de aula, o professor irá dispor algumas mesas para que seja feita uma espécie de feira do livro, após todos os livros e revistas estarem sobre as mesmas, os alunos poderão escolher o que lhes for de maior gosto.

3º) Os alunos terão um tempo da aula para realizar uma leitura inicial do material escolhido;

4º) Após a leitura inicial, os alunos terão de levar o material para casa e na aula seguinte deverão apresentar um pequeno texto produzido a partir da leitura do livro ou revista, escolhido por eles. Nesse texto é obrigatório conter substantivos retirados do texto lido e um conteúdo crítico que apresente os pontos que os alunos consideraram de maior importância no material lido. Ressalta-se que, o professor deverá determinar o limite máximo de leitura, por exemplo, em caso da revista o aluno terá de ler três matérias, e no caso livro o aluno lerá de dois a três capítulos. Essa atividade favorece a leitura crítica porque o aluno deverá ponderar o que chamou mais a sua atenção, uma vez que ele faz associações entre o seu cotidiano, e assuntos envolvidos em sua realidade concreta e o conteúdo do texto.

3) Roda de Leitura e produção conjunta de uma história. A turma deve ser dividida em 4 ou 5 grupos e cada grupo deverá produzir uma história livre. O professor pode disponibilizar duas aulas para essa produção e garantir que todos participem.

Ao final da produção, o professor pede que os alunos levem cangas e almofadas ou travesseiros e coisas para um café da manhã ou tarde (variando conforme o horário da aula), organizando assim, uma roda de leitura com um ambiente confortável para os alunos. Esse tipo de atividade faz com que os educandos se sintam menos constrangidos, pois o ambiente se torna mais descontraído. O fato de escreverem para que sua produção seja lida e expressar verbalmente o que se leu torna as aulas mais dinâmicas, no sentido de trazer maior interação do aluno de forma criativa e participativa com o conteúdo. Essa é uma sequência didática em que os educandos apresentam mais facilidade e adquirem mais autonomia ao escolher um começo, meio e o final de uma história. Em seguida demonstram que compreenderam o que se escreveu. Esse tipo de projeto escolar favorece a formação de escritores, pois oportuniza que eles elaborem e escrevam sua própria história, tendo por consequência o incentivo da criticidade, visto que os alunos terão, de alguma forma, de observar o ambiente em sua volta e eleger um tema de importância para o desenvolvimento de sua própria história.

4) Criando Nossa Biblioteca - Para proporcionar aos educandos liberdade de escolhas, o professor deve deixá-los à vontade para escolherem que tipo de texto gostariam de ler, pois terão contato com diversos gêneros de texto. Essa é uma estratégia que permitirá que eles se identifiquem com determinados tipos de leitura. Com o auxílio do professor os alunos farão, em um determinado espaço da escola uma espécie de biblioteca, sendo esse um espaço aberto para todas as turmas.

A manutenção dessa “biblioteca” fica na responsabilidade dos alunos, inclusive marcando de alguma forma os materiais disponibilizados, podendo ser material jornalístico, crônicas, artigos e revistas científicas, bulas, publicitários, parlendas, adivinhas, cantigas, oriundos de livros, revistas, jornais, periódicos, gibis, entre outros. A turma escolhida para realizar a manutenção do espaço dedicado à leitura poderá ser dividida em grupos cujas atividades e escalas serão distribuídas, ou seja, um grupo responsável pelo controle dos materiais, outro pela organização do espaço, outro pela arrecadação dos materiais.

A arrecadação dos materiais poderá mobilizar toda a escola, de maneira que seja feito um ponto de coleta em que todos os alunos poderão depositar os materiais

trazidos de casa ou doados. Nessa atividade, o incentivo à criticidade está incutido nas responsabilidades a serem atribuídas ao aluno e, também, na própria leitura a ser realizada por ele durante a escolha dos materiais.

Observa-se que em todas as atividades a formação de um leitor crítico está atrelada à naturalidade da leitura, ou seja, o ato de ler é uma forma natural de se pensar o mundo a nossa volta. Quando essa naturalidade é reforçada pelo professor de maneira sutil e discreta, através de discussões, produções de texto, debates, a formação crítica pode ser sobremaneira eficaz e mais veloz.

## 5 PERCURSO METODOLÓGICO

### 5.1 ABORDAGEM E MÉTODO DA PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, descritiva e interpretativa, pois interessou-me entender e descrever como essas práticas de leitura se efetivam (BOGDAN; BIKLEM, 1994). Para alcance do objetivo proposto, foi desenvolvida uma pesquisa de campo em uma escola pública de Ensino Fundamental, do município da Serra, Espírito Santo. Assim, foram observadas as práticas de leitura abordadas pelos professores das séries iniciais do Ensino Fundamental. O estudo buscou verificar se essas práticas estão favorecendo a formação do leitor crítico.

Nessa perspectiva, Ludke e André (2001) apontam que nos estudos qualitativos o foco da pesquisa se dá através de como o pesquisador utiliza seu instrumento de investigação, nesse caso, a observação se deu no período compreendido entre 17 de julho a 3 de novembro de 2018.

Os sujeitos investigados foram 5 professoras e 5 turmas, totalizando 25 alunos. Foram utilizados métodos e técnicas da Observação Não Participativa com os alunos.

Os passos para inserção no campo da pesquisa e para a coleta de dados estão assim resumidos, de acordo com o apêndice B; por conseguinte descreveremos o roteiro da observação das aulas como consta no apêndice C.

- a. Como a pesquisadora não possui vínculos com a escola selecionada, foi realizado contato com a diretoria da instituição por meio da secretaria da mesma para identificação e apresentação dos objetivos do estudo, explicando sua relevância e justificativa, apresentando a carta solicitando a autorização para a pesquisa;
- b. Foi feito um levantamento de informações em relação ao estudo como quantidades de alunos que tem na sala de aula, através do questionário aplicado às professoras (APÊNDICE B);

- c. Investigou-se quais as práticas de leitura são priorizadas pelos docentes nas salas de aula de 1º ao 5º ano do ensino fundamental da escola X, através de questionário aplicado a cinco professoras, escolhidas aleatoriamente e observação não participativa (APÊNDICE B);
- d. Posteriormente foram analisadas as concepções das professoras de 1º ao 5º ano sobre a formação de leitores críticos; através de questionário (APÊNDICE B);
- e. Identificou-se, através do questionário aplicado às professoras (APÊNDICE B), em sua docência, qual o perfil de leitor que tem sido formado em turmas de 1º ao 5º ano do ensino fundamental;

As observações das aulas se deram nos dias e horários escolhidos pelas professoras, conforme apêndice C. Foram realizadas entre 9 e 12 observações por série na Escola Municipal de Ensino Fundamental Alba Lília Castelo Miguel.

Segue o roteiro quanto às observações feitas:

- a. A primeira foi referente às relações entre professores e alunos;
- b. A seguir, quais estratégias e os tipos de textos são apresentadas para as realizações das práticas de leitura;
- c. Como terceira observação, foi apontado os tipos de gêneros textuais abordados;
- d. Quarta, referência as fontes utilizadas de suporte para a realização das leituras;
- e. Em quinto, trata-se da forma que essas atividades foram desenvolvidas;
- f. Sexta observação informa os recursos didáticos disponíveis na colaboração do planejamento de aula do educador;

- g. Em último, foram levantadas as metodologias que se evidenciaram nas concepções de linguagem, numa visão de leitura.

A interpretação e a avaliação de dados são processos a serem aprimorados ao longo de toda a pesquisa. É necessário que se tenha atenção e reflexões contínuas, dessa forma poderá chegar a um nível de pesquisa mais elevado.

No caso específico desse estudo, as professoras são as mediadoras e responsáveis pela formação de leitores, sendo que o maior desafio hoje é a mudança das práxis educativas, desde o planejamento, passando até nas formas de interagir nos espaços educativos.

Para realização das entrevistas foi enfatizado que as mesmas teriam anonimato em relação as suas exposições “sobre as práticas de leitura em sala de aula”. Para assegurar o anonimato referimo-nos às professoras pela abreviatura “P”.

Através da metodologia adotada neste estudo, de acordo com Ludke e André (2001), as entrevistas se tornam uma técnica alternativa para se obter um determinado tema, que esse por sua vez não é documentado, ambas as autoras chamam a atenção para o caráter de interação de quem é entrevistado.

De acordo ainda com essas autoras, a natureza dessa interação se dá especialmente nas entrevistas, não totalmente estruturadas, em que “[...] o entrevistado decorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo é a verdadeira razão da entrevista” (LUDKE; ANDRÉ, 2001, p. 33).

Nosso intenção foi compreender como essas professoras concebem a linguagem, o texto e o ensino da leitura, a partir de uma visão crítica.

## 6 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

### 6.1 CARACTERIZAÇÃO DOS ALUNOS

As famílias das crianças sujeitos deste estudo pertencem à classe de baixo poder aquisitivo. Seus pais trabalham como empregados nos ramos da construção civil e do comércio. Alguns são filhos de trabalhadores do lar. As rendas mensais variam entre dois e três salários mínimos.

Na opinião das educadoras as turmas são compostas de alunos assíduos, interessados e participativos, porém apresentam grandes dificuldades de aprendizagem, sendo que o fator que mais colabora com essa situação são a não participação das famílias do processo escolar dos filhos, pois se ausentam da devida assistência.

### 6.2 CARACTERIZAÇÃO DOS PROFESSORES

Optamos por iniciar as análises a partir da questão “O que você entende por leitura? ”, e em seguida, “O que é ler um texto? A fim de melhor compreender como as professoras veem essas duas concepções, entendendo que ambas se relacionam entre si.

As idades das educadoras variam entre 27 e 52 anos. O maior tempo de experiência registrado foi 30 anos e o menor 5 anos.

Somente três professoras especificaram sua formação que antecedeu a graduação, relatando que cursaram o magistério. Três professoras trabalham em jornadas duplas, sendo que duas dessas eram na mesma rede de ensino e a outra em prefeitura adjacente, ou seja, no município vizinho. Somente duas pertencem ao quadro efetivo do Sistema Municipal de Ensino, os demais contratados. Das cinco professoras escolhidas, quatro possuem formação superior em Pedagogia e uma possui formação superior em Geografia.

Podemos considerar de real importância aos objetivos que levaram as professoras a buscarem uma formação superior, de acordo com o item 6 no (APÊNDICE A), as mesmas citaram “para terem conhecimentos e aperfeiçoamentos em suas carreiras profissionais”. As demais citaram a “necessidade de ingressar e terem oportunidade no mercado de trabalho”.

A respeito da formação profissional no que se refere buscar mais conhecimento, de acordo com Pimenta (1996, p. 75), chama a atenção para o fato de que:

Para além da finalidade de conferir uma habilitação legal ao exercício profissional da docência, do curso de formação inicial se espera que forme o professor. Ou que colabore para sua formação. Melhor seria dizer que colabore para o exercício de sua atividade docente, uma vez que professorar não é uma atividade burocrática para a qual se adquire conhecimentos e habilidades técnico-mecânicas.

Sendo assim ao falar dos aspectos que envolvem o aperfeiçoamento de uma identidade, nesse caso a “identidade profissional”, essa autora traz uma reflexão e preocupação de que o aperfeiçoamento da qualidade do ensino, esse que por sua vez, não abrange somente as crianças.

Se é papel da escola formar leitores críticos, é imprescindível que invista na formação do docente e que propicie ao mesmo a formação continuada a fim de melhorar a qualidade do ensino. Um país sem bons professores, jamais terá alunos bem formados.

Outros aspectos que podemos considerar é a percepção que as professoras fizeram de suas estratégias para a prática da leitura na sala de aula ao opinarem que suas práticas “têm a necessidade de serem modificadas”. Elas indicaram que as mudanças incidem em melhoria na qualidade de ensino o que, quase sempre, depende exclusivamente delas que estão à frente do processo.

A partir dos pressupostos teóricos que sustentam este estudo, foi possível identificar três categorias que norteiam nossa análise. São elas: 1) A leitura concebida como meio para a compreensão do mundo; 2) Leitura concebida como expressão de pensamento e 3) Escola e professor: formação de leitores. Trataremos suas

especificidades e teorias apresentadas a seguir para que no decorrer das análises nos itens 6.2.1 a 6.2.3, possamos referenciar nossa explicação.

A leitura concebida como meio para a compreensão do mundo – “O mundo das ciências exatas e da natureza tem como fundamento a objetividade, a racionalidade e a universalidade”, conforme explicita Nascimento (2016, p. 52) em sua tese de doutorado intitulada *O ensino da leitura literária nos anos iniciais do ensino fundamental: dimensões relativas à gestão e à estrutura escolar*. Ela declara que o mundo situado na dimensão das artes é diferente e que para lidar com esse, a experiência com a leitura possibilita “outra possibilidade de abordar o mundo.” O texto literário abre espaço “não somente para a razão e a lógica, mas também para as sensações e os afetos e para o que, na experiência humana, é *ilógico e contraditório*” (NOGUEIRA, 2014, p. 50-51).

Já se pode pensar que formar um leitor literário significa, portanto, levar o aluno a perceber que a inventividade da linguagem literária não é, por assim dizer, um modo esteticamente “mais bonito” de expressão da linguagem (como uma espécie de adereço que, para alguns, seria desnecessário), mas sim a possibilidade de criar um campo de saber sobre a experiência do ser humano no mundo que outros discursos, notadamente o científico, não podem criar (NOGUEIRA, 2014, p. 51).

Leitura concebida como expressão de pensamento – Bakhtin (2010) considera que os sujeitos que acreditam que a linguagem é uma representação do pensamento, a este os indivíduos são tidos como “ser psicológico, individual, dono de sua vontade e de suas ações. É visto como um ego que constrói suas próprias ideias, e deseja que elas sejam captadas da mesma forma como foram por ele mentalizadas” (PAIXÃO, 2014, p.92). Sendo assim, o sujeito da proposição é o único responsável por alcançar seu sentido. A pesquisa desenvolvida por Paixão (2014) buscou investigar se as práticas docentes de leitura e escrita sistematizadas pelos professores do 4º e 5º anos do EF em escolas do município de Vitória (ES) contribuíam para a efetiva apropriação da língua materna. A autora pauta-se por importantes questões que permeiam o processo de aprendizagem da língua materna procurando analisar a quem interessa as formas existentes de ensinar a língua portuguesa e quem são os mais prejudicados com esse ensino instrumental e mecanicista. Orientando-se pela concepção bakhtiniana de linguagem e freireana de educação, a autora, observou a necessidade da instituição de políticas públicas de formação de

professores para que o ensino da leitura e escrita no 4º e 5º anos sejam de fato promotoras de concepções dialógicas de linguagem, entendendo está para além das normas e formas, “mas na significação que essa forma adquire no contexto, na interação com outros sujeitos (PAIXÃO, 2014) ”.

Desta feita, Bakhtin (2010) esclarece:

Para essa forma de concepção, a linguagem, enquanto produto acabado ('ergon'), enquanto sistema estável (léxico, gramática, fonética) – apresenta-se como depósito inerte, tal como a lava fria da criação linguística, abstratamente construída pelos linguistas com vistas à sua aquisição prática como instrumento pronto para ser usado (BAKHTIN, 2010, p. 75).

**A formação de leitores** – a escola juntamente com a ação pedagógica deve trabalhar de modo efetivo na transformação dos conceitos estabelecidos historicamente pela sociedade a fim de estabelecer novos pensamentos e posicionamentos por parte dos estudantes nos anos iniciais para que a prática da leitura seja positiva e prazerosa. Nascimento (2016, p. 49) afirma:

No caso dos anos iniciais, trata-se de formar um conceito propriamente, visto que nessa etapa da escolaridade as crianças estão por ingressar de modo mais sistemático no mundo da escrita. As noções de deleite, de fruição, de gosto, elementos que certamente devem estar presentes nas práticas de leitura literária dos leitores de modo geral, não podem ser confundidas com a ideia de que não há o que se ensinar quanto à leitura

### 6.2.1 A leitura concebida como meio para a compreensão do mundo

A concepção da leitura, como meio objetivo para a comunicação, foi identificada no relato da professora P 3, conforme podemos observar: “Leitura é a compreensão, interpretação de algum tipo de informação, absorção de conhecimento...”

Nessa fala a professora deixa claro que não basta apenas que a criança leia, mas sim que compreenda a informação que está sendo passada.

Em conformidade com (ALMEIDA, 2009; p. 26), a concepção de leitura como viabilização de compreensão de mundo, tem base teórica sustentada por Paulo Freire, ao relatar que

Ler não é caminhar sobre as letras, mas interpretar o mundo e poder lançar sua palavra sobre ele, interferir no mundo pela ação. Ler é tomar consciência. A leitura é antes de tudo uma interpretação do mundo em que se vive. Mas não só ler. É também representá-lo pela linguagem escrita. Falar sobre ele, interpretá-lo, escrevê-lo. Ler e escrever, dentro desta perspectiva, é também libertar-se. Leitura e escrita como prática de liberdade (ALMEIDA, 2009; p. 26)

Nesse sentido, acompanhamos os Parâmetros Curriculares Nacionais que atribuem à leitura um processo de compreensão e interpretação de um texto:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre linguagem, etc. [...] Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência [...] (BRASIL, 1998, p. 69).

Na visão de P1 “A leitura é um ato pelo qual se sente prazer, compreende a si mesmo ou algum tipo de informação e adquire conhecimentos”. Partindo desse pressuposto, a educadora concebe a leitura como meio para que o sujeito se relacione com o contexto social em que está inserido, além do que é um mecanismo que permite que assimile em si as informações que o meio disponibiliza, portanto:

O ensino de língua está relacionado aos modos como o homem compreende a si mesmo, a linguagem, o universo em que se situa, e disso decorrem as diferentes concepções de linguagem, de língua, de ensino [...] que foram produzidas ao longo da história (AMOP, 2010, p. 140).

Para P4 a prática da leitura deve ser intensificada não somente no espaço escolar, a fim de que essa habilidade seja aperfeiçoada a cada dia. Na sua concepção, a leitura se resume assim: “ler é um ato de compreensão do texto em seus vários sentidos, não apenas na sala de aula, mas também interpretar os acontecimentos do mundo à sua volta, utilizando os conhecimentos prévios”.

A leitura, nessa visão é percebida como uma prática social, que convida o leitor a explorar seus conhecimentos prévios para que assim o mesmo possa dialogar com o contexto, criando significados e resoluções para os significados futuros. Como nos informa Liberato (2006):

Um aspecto interessante desse processo de construção de sentido é a criação de uma ligação, uma ponte, entre os elementos presentes no texto, de modo a integrar as informações e dar coerência ao texto como um todo. É como se o leitor estivesse lendo nas entrelinhas. Para se compreender um

texto é preciso inferir diversas informações que não estão mencionadas explicitamente, mas que são absolutamente imprescindíveis. [...] Essa inferência, ou seja, essa ligação entre as duas informações, embora óbvia para quem consegue dar um sentido ao texto, não está representada explicitamente. Ela é inserida pelo leitor na composição do sentido global do texto, com base no seu conhecimento prévio. (LIBERATO, 2006, p. 226-227)

Esse leitor assimila o que já sabe com o que está vivenciando, dessa maneira, a leitura o oportunizará a busca de novos conhecimentos e favorecerá dialogar com o mundo em que está inserido, segundo Brandão (1994),

A concepção de leitura como um processo de enunciação se inscreve num quadro teórico mais amplo que considera como fundamental o caráter dialógico da linguagem e, conseqüentemente, sua dimensão social histórica. A leitura como atividade de linguagem é uma prática social de alcance político. Ao promover a interação entre indivíduos, a leitura, compreendida não só como leitura da palavra, mas também como leitura de mundo, deve ser atividade constitutiva de sujeitos capazes de interligar o mundo e nele atuar como cidadãos (BRANDÃO, 1994, p. 89).

A P3 e P2 tiveram pensamentos bem parecidos sobre a leitura no que tange a possibilidade de diálogo na compreensão com o mundo. Relataram que como professoras se sentem mediadoras no processo da leitura. Assim posicionam os alunos no momento da leitura em círculos (P3) ou em pequenos grupos (P2) fazendo com que alguns alunos leiam em voz alta para o treino da linguagem do sentido, pensamento e entoação que ele dá a história. Após essa leitura dinâmica, se assim pudermos chamar, as perguntas aos alunos são feitas de modo que os fazem refletir sobre seus posicionamentos, suas visões, ou seja, como o mundo se coloca para eles, através de suas próprias leituras que são “fotografadas” como aprendizagem e acontecimentos já vividos. A professora P2 entrevistada relatou:

“No momento da reflexão e discussão as crianças vão colocando muita coisa pra fora, muito pensamento equivocado sobre a vida, ou até a falta de sonhos, porque muitas vezes não veem que podem e devem sonhar com algo positivo que podem construir na sua vida. A maioria das crianças é inerte a leitura, aos pais não foi dado o processo que hoje nos preocupamos para proporcioná-los. Então, damos a leitura, ou pelo menos tentamos com afinco, resgatar o valor dela para uma vida”.

A esse momento de reflexão para o mundo ou do mundo através dos conhecimentos prévios que os alunos trazem, temos que fazer o aluno refletir, porém, não devemos cair no erro que Geraldini (2013) relata:

As formas de apropriação das reflexões sobre o texto permitiram uma virada, ao menos em nível de proposta, à medida que se vulgarizaram as reflexões

que apontam para a produção de sentidos, para a importância de conhecimentos prévios do leitor, para os “espaços em branco” do texto, para suas virtualidades. A escola passa a admitir (uma atualização no “eixo epistemológico”) que o sentido que vale é aquele que lhe atribui o leitor: [...]. Uma forma de inserção do texto, com uma ideologia de que tudo vale, que paradoxalmente faz desaparecer o próprio objeto de leitura. [...] (GERALDI, 2013, p. 108).

Essa falta de atenção com as verdadeiras ideias do autor muitas vezes reflete numa atitude de acomodação por parte dos docentes que, em sua preparação ou planejamento, não se aprofundam com si próprios e se apropriam das hipóteses de discussão que podem ser apresentadas pelos alunos. Dessa forma perdem por não se aprofundarem na discussão sobre o que verdadeiramente significa a possibilidade de multiplicidade dos sentidos e da construção que esse exerce pelo leitor no ato da leitura (NASCIMENTO, 2016).

### **6.2.2 Leitura concebida como expressão de pensamento**

Considerando a leitura, como mecanismo de expressão de pensamento, para P3 “Ler um texto é um ato de compreensão em todos os sentidos, é criar uma relação entre o leitor e o contexto”. A professora P2 aponta que “A leitura é a forma de como se interpreta um conjunto de informações ou um acontecimento”. O P4 declara que “as crianças possuem uma linguagem de significações que já trazem de suas vivências, a leitura oportuniza essas significações, fazendo que elas se conectem expressando seu modo de pensar”. O P1 afirma que a leitura não só melhora os conhecimentos linguísticos, mas oportuniza reformular os pensamentos”. O P5 explica:

“a hora da leitura na sala é sagrada, temos um ritual. Sempre a fazemos quando voltamos de uma atividade muito ativa, como o recreio, ou até mesmo um exercício que carece um pensamento mais extenuante. Porém, um fato importante. Não interrompemos esse momento, ele é sagrado. As crianças se conectam em outra dimensão, a que permite a leitura do livro efetivamente, mas que permite a leitura de pensamentos, ideias, da vida”.

Nessa mesma linha de raciocínio, ler é estar interligado com o mundo ao seu redor, é estar conectado com o que está a sua volta, o ato de ler amplia os conhecimentos, ao mesmo tempo que enriquece o “Eu”. Logo, é uma forma de estimular uma habilidade importante, o autoconhecimento.

Para Vigotski, a *fala* está relacionada à principal neoformação da primeira infância e graças a ela a criança muda a sua relação com o ambiente social do qual é parte integrante. É importante destacar que a certeza de que Vigotski, em seus estudos, está referindo-se à *fala* e não à linguagem encontra fundamentos em seus próprios trabalhos, quando conhecemos suas ideias sobre o sentido da palavra que se realiza na *fala viva*, contextualizada. Inicialmente, diz Vigotski, a *fala* é um meio de comunicação, surge como uma função social. Aos poucos, a criança aprende a utilizá-la para seus processos internos e a transforma em um instrumento do seu próprio pensamento; o domínio da *fala* leva à reestruturação de toda estrutura da consciência. (PRESTES, 2012, p. 216-217).

A leitura em sala de aula é um mecanismo para auxiliar o leitor em sua auto identificação no contexto em que está inserido. O êxito que o educando terá na sua interpretação no momento da leitura, dependerá do que ele já traz consigo. Nas experiências adquiridas ao longo de sua vida, o hábito da leitura fará uma grande diferença para interpretar um determinado contexto. São as aprendizagens adquiridas no convívio social, ou seja, os saberes prévios adquiridos nos meios sociais, família, brincadeiras, no mundo, aliados aos conhecimentos dos livros, revistas, etc, permitirão que o sujeito faça sua interpretação de mundo.

A escola é um importante mediador no processo de identificação do aluno, conforme afirmado por Cascavel, ao relatar que,

Ler não significa apenas a aquisição de um “instrumento” para a futura obtenção de conhecimentos, mas uma forma de pensamento, um processo de produção do saber, um meio de interação social com o mundo (CASCAVEL, 2007, p. 144).

Logo, a leitura é um meio de levar o leitor a adquirir valores, é a viabilização de interação com o mundo. Nessa perspectiva, as Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná (DCE), afirmam que,

A leitura é compreendida como um ato dialógico, interlocutivo, que envolve demandas sociais, históricas, políticas, econômicas, pedagógicas e ideológicas de determinado momento. Ao ler, o indivíduo busca as suas experiências, os seus conhecimentos prévios, a sua formação familiar, religiosa, cultural, enfim, as várias vozes que o constituem (PARANÁ, 2008, p. 56).

Nessa mesma linha de pensamento, as DCE dialogam com Bakhtin (2003), que afirma:

Pode-se dizer que o interpretador é parte do enunciado a ser interpretado, do texto (ou melhor, dos enunciados, do diálogo entre estes), entra nele como um novo participante. O encontro dialógico de duas consciências nas ciências

humanas. A molduragem do enunciado do outro pelo contexto dialógico (BAKHTIN, 2003, p. 329).

Desta forma, a leitura é entendida como um “diálogo participativo”, o qual envolve o meio social em que o leitor está inserido. A DCE, ressalta que a leitura pode ser

Um processo que implica uma resposta do leitor ao que lê, é dialógico, acontece num tempo e num espaço. No ato de leitura, um texto leva a outro e orienta para uma política de singularização do leitor que, convocado pelo texto, participa da elaboração dos significados, confrontando-o com o próprio saber, com a sua experiência de vida (PARANÁ, 2008, p.56).

Assim, a leitura nos levará sempre à compreensão de outros significados, tratando de nos confrontar, mesmo que em nossa “bagagem cultural”, tenhamos experiências adquiridas no decorrer da nossa existência “as relações dialógicas são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam se confrontados em um plano de sentido, acabam em relação dialógica” (BAKHTIN, 2003, p. 323).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, a leitura é compreendida como uma variante da interpretação do que se ler com o que já sabe sobre o assunto.

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre linguagem, etc. [...] Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência [...] (BRASIL, 1998, p.69).

Logo, a leitura é um ato de interação entre o autor e o contexto que lhe foi confinado, ele tem um objetivo a ser alcançado, lhe é dada autonomia para que possa se interagir com o acontecimento.

### **6.2.3 Escola e professor: formação de leitores**

Considerando que a escola tem um papel fundamental na formação de leitores, se torna necessário que os educadores, objetivam meios para sua formação, de tal forma que esses sujeitos possam colaborar de maneira construtiva para com a sociedade.

É necessário que a escola reflita continuamente a respeito do ensino que está ofertando, pois é seu papel formar e viabilizar meios que possam levar o aluno a sentir prazer em ler para ler cada vez mais, a ser transformado nos contatos assimilados no contexto, e estimular o pensamento crítico a partir da leitura. Santos (2001, p.3), ressalta que

A escola precisa ser entendida como um lugar de experimentação de sentidos e não de descontextualização da linguagem. Também é essencial que todo professor tenha consciência de que, independentemente de sua área de atuação, ele é, antes de tudo, um professor de leitura e que cabe a ele buscar sempre novas metodologias, cujo maior objetivo seja conduzir o aluno a seduzir-se pelas palavras, pelo texto e pelo prazer que leitura pode proporcionar, além de fazê-lo, inclusive, ter consciência da leitura como fonte de conhecimento e informação capaz de levá-lo ao seu crescimento enquanto ser, e dessa forma, passar a sentir-se motivado a uma busca espontânea de mais e mais leituras.

A perspectiva deste autor aponta a leitura como uma estratégia de aprendizagem que provoca o prazer, a fim de que o educando não a sinta como uma tarefa difícil.

O papel da escola se torna fundamental nesse processo, é espaço que requer a responsabilidade de criar condições, explorar estratégias para que assim a mesma colabore com o crescimento individual de cada leitor, em concordância Mélló e Machado (2008, *apud*. MEIRELES):

[...] o local onde ocorre a educação é extremamente importante na formação de personalidade do indivíduo. Um ambiente de educação agradável deveria ser sugestivo, rico de inspirações para a infância. Pois uma escola bonita, limpa e decorada influencia na formação da criança e contribui no trabalho do professor.

Quando falamos sobre a prática da leitura na sala de aula é de suma importância que o professor proporcione aos seus educandos, situações que estimulem os mesmos o gosto pela leitura.

A respeito de quais práticas de leitura que estão contribuindo para a formação do leitor e de que maneira elas acontecem, P5 afirma que “Procuró inovar a cada dia, trazendo variedades de tipos de gêneros textuais, como gibis, piadas, livros literários, para que esses possam contribuir para a formação plena do sujeito”.

De acordo com essa educadora os diversos tipos de gêneros textuais utilizados proporcionam grande desenvolvimento na habilidade da leitura e na sua produção textual. Sua opinião nos permite inferir que nossa proposta de Produto Educacional aponta no caminho certo para o aperfeiçoamento dessas habilidades e para a intensificação do hábito da leitura no espaço escolar, uma vez que vai fornecer subsídios ao professor para criar meios para que seus educandos em grupos ou individualmente possam interagir de maneira discursiva e linguística com os mais variáveis tipos de gêneros textuais.

Para captar as estratégias utilizadas pelas professoras, ao atuarem como mediadoras do processo de ensino/aprendizagem da leitura e conhecer como se dão as relações entre educador e educando, foi aplicado o questionário (APÊNDICE B) que direcionou questionamentos de como essas estratégias têm sido colocadas em prática, pois consideramos que as atividades abordadas para a prática da leitura, em sala de aula, devem ser planejadas e ter objetivos bem definidos, a fim de formar leitores críticos e participativos na comunidade onde vivem. Nesse sentido, destacam-se dois relatos:

Em minhas aulas de leitura eu costumo pedir que os alunos se coloquem em círculo, evitando que eles percam tanto a atenção e permaneçam no formato tradicional da aula. Acredito que assim eles podem assimilar uma aula diferente e mais legal ao processo de ler em sala de aula. Costumo variar os tipos de texto de acordo com o conteúdo a ser aplicado (P3).

Trabalhando gêneros textuais diferentes procuro inovar com aulas temáticas de acordo com cada gênero a ser trabalhado, isso atrai os alunos e torna o ambiente mais lúdico. Os textos variam entre textos literários, gibis, crônicas, piadas etc (P5).

Logo, verifica-se que são utilizados variados tipos de texto. Porém, no quesito que se refere à variação textual ao longo do trabalho com leitura foi manifestado por todo o grupo pesquisado. Os professores relatam que propõem diversos gêneros textuais, de assuntos presentes no dia a dia. Nesse viés, Bezerra orienta que os educadores deem maior atenção aos gêneros que favoreçam a comunicação e a interação:

O gênero é fundamental na escola, visto que segundo Schewwly e Dolz (2004:1), é ele que é utilizado como meio de atribuição entre as práticas sociais e os objetos escolares, mais particularmente, no domínio do ensino da produção de texto orais e escritos. No afã de favorecer a aprendizagem

da escrita de texto, a escola sempre trabalhou com gênero, mas restringe seus ensinamentos aos aspectos estruturais ou formais dos textos. É justamente essa desconsideração de aspectos comunicativos e interacionais que contribui para que alunos e professores se preocupem mais com a forma de texto do que com sua função e, conseqüentemente, o texto seja visto como um formulário preenchido (para leitura) ou preencher (para escrita) (BEZERRA, 2002, P.41).

Outra questão a ser destacada é a facilidade de se encontrar variados tipos de fontes para variados gêneros textuais, sobretudo na era digitalizada em que estamos inseridos atualmente. Quando questionados sobre quais fontes são utilizadas por eles com maior frequência, as P2 e P4 relatam que essas são diversificadas, ora a internet, ora livros, revistas, jornais, cartilhas, entre outras são utilizadas. Destacamos apenas que dentre as cinco professoras entrevistadas, 3 delas (P2, P4, P5) alegam preferir o uso da internet a outras fontes por questões práticas relacionadas ao tempo de pesquisa.

No que tange à observação não participativa realizada (apêndice C), observou-se que, de maneira geral, as turmas possuem cumplicidade e as manifestações individuais são sempre com calma, os alunos respeitam-se e aguardam o momento apropriado para levantar voz. Além do comportamento, foi possível se constatar a existência de diversos gêneros textuais disponíveis para que os alunos tenham contato e conhecimento, durante a observação foram identificados: contos, fábulas, poemas, livros didáticos, literatura infantil, recortes de jornais e revistas e, por fim, rótulos de embalagens.

As professoras colaboradoras (P1 e P3) relataram na entrevista que alguns gêneros são preferidos: literatura infantil, revistas e recortes. “As crianças preferem as revistas porque geralmente são do interesse delas. Assim, quando se interessam, nem piscam”. As professoras P4 e P2 já disseram que os contos são o recorde de pedidas nas turmas com as quais trabalham, porque leem e depois encenam”.

Notou-se que tais gêneros textuais foram trabalhados por meio de quatro recursos, sendo: 1) roda de conversa; 2) uso da lousa; 3) produção de texto; 4) interpretação de texto. Tais recursos traduzem a realidade da escola, cuja oferta de materiais não é grande. No entanto, mesmo com a falta de recursos disponíveis,

percebemos que há grande dedicação das professoras pesquisadas em levantar meios para que o conteúdo seja ensinado através de um trabalho de qualidade.

A partir dessas observações foi possível chegar a uma resposta ao nosso problema inicial, que tinha por questionamento se a escola pesquisada forma leitores críticos. Afinal, a resposta a qual chegamos é que sim, apesar dos poucos recursos os alunos são incentivados a realizarem uma leitura crítica dos textos a eles apresentados, além disso, notamos que a criticidade levou os alunos a um comportamento adequado, ultrapassando os limites do pensamento e influenciando as ações dos discentes.

Portanto, os resultados obtidos nos permitem concluir que as práticas de leitura ensinadas na escola Alegria de Saber tem sido eficazes, comprovando a utilidade de se ensinar leitura para crianças e a potencialidade que essa leitura pode alcançar.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu uma série de reflexões. Constatamos, em nossas atividades diárias, que os alunos não possuem o hábito de ler, ou seja, não se sentem atraídos pela leitura, e não a praticam em seu cotidiano. Uma das causas do desinteresse pela leitura está relacionada ao acesso restrito à mesma, no núcleo familiar e, conseqüentemente, não se sentem estimulados pelas leituras escolares.

Tais condições repercutem em vocabulário precário, reduzido e informal, dificuldade de compreensão, desvios ortográficos, poucas produções, conhecimentos restritos aos conteúdos escolares. Se a habilidade da leitura e escrita são essenciais para a compreensão dos fenômenos naturais e sociais, se ela for precária, a situação de defasagem de conteúdos se perpetuará em todo o percurso escolar e essa lacuna persistirá ao longo da vida. Dessa forma, os educandos encontram dificuldade de se posicionar no mercado de trabalho ou chegam à faculdade com sérios problemas de escrita.

Considerando que o objetivo deste trabalho é elucidar como os educadores tem desenvolvido o trabalho de práticas de leitura exploradas no ambiente escolar. E de que maneira essas práticas tem colaborado para a formação do leitor crítico. Traçamos as considerações seguintes.

A análise dos dados resultantes permitiu inferir que cada professor possui experiências e formações que os levam a trabalhar a leitura de forma individual e única, baseados em denominadores comuns, tais como o uso de diversos gêneros textuais, o zelo por atrair o aluno de formas criativas, e a percepção da necessidade de se provocar o aluno a criticar o que está sendo lido.

Os fundamentos teóricos deste estudo elucidaram a necessidade de se ter o educador como mediador do conhecimento em sala de aula, fato que foi comprovado através da análise e observação das aulas de leitura, quando percebeu-se a dificuldade que o aluno tem em adentrar ao caminho da leitura, com maior interesse e proatividade, sem que o professor necessite conduzi-lo. O estudo contribuiu para percebermos que é necessário que o educador se reconheça como o mediador de

transformação do educando que deverá sair do papel de mero leitor ou receptor das informações, e transcender para se tornar um leitor preparado para dialogar com o mundo, a partir da leitura.

Dessa forma, compreendemos como é importante o comprometimento do educador, no sentido de utilizar metodologias diversificadas para que se possa contribuir com o suprimento das necessidades do aluno, em seu processo de aprendizagem. Constatamos que a prática da leitura, por meio dos mais diversos tipos de textos, faz com que o aluno perceba seu direito de participar das decisões e dialogar e de se expressar, criticando e criando ou recriando sua finalização textual. Tais ações irão permitir que ele se transforme pessoal e socialmente.

Por fim, esperamos que este trabalho seja uma base teórica e prática para outros professores. Por isso, consideramos de extrema importância que em trabalhos acadêmicos existam também sugestões práticas, como consta no item 4.2 dessa pesquisa, em que são sugeridas algumas estratégias pedagógicas para se trabalhar a leitura na escola.

As observações das aulas e as manifestações obtidas pelos questionários permitiram inferir que algumas professoras já fazem uso de estratégias e metodologias que se aproximam da nossa proposta, o que inicia a efetivação do objetivo de nossas sugestões, porém, concluímos que é necessário expandir e diversificar ainda mais a forma de se trabalhar a leitura em sala de aula. É preciso que se amplie o acesso dos professores às novas metodologias simples e eficazes, que não necessitem de grandes recursos ou dependam unicamente da estrutura da escola para serem realizadas.

Finalmente, acreditamos que o Produto Educacional resultado dos anos de experiência no magistério sirva como fonte de inspiração e conhecimento para outros professores. Nesse trabalho, propusemos atividades que possibilitem a formação de leitores críticos a partir de uma perspectiva simples e discreta. Consideramos que esta proposta permitirá que o aluno percorra um caminho de descobertas e conhecimento de si e do mundo com maior autonomia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Fernando José de; **Folha Explica Paulo Freire**; 1ª edição. Editora Publifolha, 2009.

ABRAMOVICH **Literatura Infantil**: Gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1991.

ABRAMOVICH, Fanny. “**Por uma arte de contar histórias**” In: Literatura infantil: AMOP, Associação dos Municípios do Oeste do Paraná. **Currículo básico para a escola pública municipal**: educação infantil e ensino fundamental (anos iniciais) Cascavel, Paraná: Assoeste, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do texto na Linguística, na Filologia e em outras ciências humanas. In.: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 307-335.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G.Pereira. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 5.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010a.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2008.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 2 ed. Editora Vozes. 2003.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas. In: **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora, 1994, p. 15-80.

BRAGGIO, S. L .B. **Leitura e alfabetização**. Editora Artes Medicas. 1992.

BRANDÃO, H; MICHELITTI, G. **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. 3 vol. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine e MICHELETTI, Guaraciaba. Teoria e prática da leitura. In: **Coletânea de textos didáticos. Componente curricular Leitura e elaboração de textos**. Curso de Pedagogia em Serviço. Campina Grande: UEPB, 2002.

BRANDÃO, Helena N. O leitor: co-enunciador do texto. In: Polifonia. Nº1, Cuiabá:

BRASIL, Ministério da Educação. **Caderno de Teoria e Prática 5: a alegria de ler e aprender**. FNDE, MEC. Brasília, 2007.

BRASIL, **Secretaria de Ensino Fundamental**. Parâmetros Curriculares Nacionais; Língua Portuguesa, Brasília, 1997.

BRASIL, **Secretaria de Educação Fundamental**: Parâmetros curriculares nacionais. 2. Língua Portuguesa: Ensino de primeira à quarta série. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: A Secretaria, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Projeto Pró-Leitura na Formação do Professor**. Brasília: MEC/SEF, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais: Língua Portuguesa: primeiro e segundo ciclos / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental**. 3. Ed. – Brasília: A Secretaria, 1998.

BORTONI-RICARDO, S. M. & MACHADO, V. R. & CASTANHEIRA, S. F. **Formação do professor como agente letrado**. São Paulo: Contexto, 2010.

BORTONI-RICARDO, S. M. [et al.] (Org.) **Leitura e Mediação Pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar** – pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização & Linguística**. 6 ed. São Paulo: Scipione, 1993.

CASCAVEL. Secretaria Municipal de Educação. **Currículo para rede Pública Municipal de Ensino de Cascavel: ensino fundamental - anos iniciais**. Cascavel, PR: SEMED, 2007.

CHAVES, Otília O. **A arte de contar histórias**. 3. ed. Rio de Janeiro: Confederação COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo européias ao Brasil contemporâneo**. 4 ed. Ática, 1991.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1999.

FREIRE, Paulo. **Ensinar, aprender: leitura do mundo, leitura da palavra**. Estudos avançados, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 259-268, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados, 1989.

FREITAS, M. T. de A. **A abordagem sócio histórica como orientadora da pesquisa qualitativa.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 116, jul. 2002.

GADOTTI, Moacir. **Educar é impregnar de sentido a vida.** Revista Professor. Ano 1, nº 2. Novembro de 2003.

GERALDI, J.W. **O texto na sala de aula: leitura e produção.** Cascavel, PR: ASSOESTE, 1984.

LANGONI, A. C.; CHISTE, P. S. **Histórias em Quadrinhos do Universo Macanudo: um caminho para a formação de leitores críticos.** In: Seminário Dermeval Saviani e a Educação Brasileira: construção coletiva da pedagogia histórico-crítica, 2016. Vitória. Anais do Seminário Dermeval Saviani e a Educação Brasileira: construção coletiva da Pedagogia Histórico-Crítica. Vitória, 2016. V. 1.

LIBERATO, Yara Goulart. Perguntas de “compreensão” e “interpretação” e o aprendizado da leitura. In: MARTINS, Aracy Alves; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org.). **A escolarização da leitura literária - O jogo do livro infantil e juvenil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 223-233.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática.** Campinas: Pontes, 1993.

KLEIMAN, Angela. **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura.** 8 ed. Campinas: Pontes, 2002.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os Segredos do Texto.** São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, I. V.; ELIAS, V.M. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2010.

KRAMMER, Sonia. **Leitura e escrita de professores: da prática de pesquisa à prática de formação.** Revista Brasileira de Educação. Nº 07. Jan, Fev, Mar, Abr. 1998.

LÜDKE, M. ANDRÉ, M.E.D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** 2 ed. Editora E. P. U, 2013.

MÉLLO, Cristiane Silva; MACHADO, Maria Cristina Gomes. **As contribuições de Cecília Meireles para a leitura e a literatura infantil.** Revista Anuário de leitura: Universidade de Santa Catarina: Florianópolis, v.13, n.2, 2008.

MORAES, Antônio. **Psicomotricidade: Educação e Reeducação num enfoque Psicopedagógico**. 9 ed. Editora Vozes. Rio de Janeiro, 2004.

MORAIS, António Manuel Pamplona. **Distúrbios da aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica**. São Paulo: Edicon, 1997.

NASCIMENTO, Iracema Santos do. **O ensino da leitura literária nos anos iniciais do ensino fundamental: dimensões relativas à gestão e à estrutura da escola**. Tese. Doutorado – Programa de pós-graduação em Educação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 2016.

NOGUEIRA, Erich Soares. Encontrar nas palavras novas coisas de ver: o texto literário na formação do leitor. In: OLIVEIRA, Eliana Kefalás, MORAES, Giselly Lima de, PEPE, Cristiane Marcela (Org.). **Leitura literária e mediação**. Campinas: Edições Leitura Crítica; ALB, 2014. p. 49-58.

OLIVEIRA, Cláudio Henrique. QUEIROZ, Cristina Maria de. **Leitura em sala de aula: a formação de leitores proficientes**. RN, 2009.

OLLER, Carles; SERRA, Joan. Estratégias de leitura e compreensão do texto no Ensino Fundamental e Médio. In: TEBEROSKY, Ana et al. **Compreensão de leitura: a língua como procedimento**. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 35-43.

PAIXÃO, Laura Maria Bassani Muri. **Práticas docentes de leitura e escrita no quarto e quinto anos do Ensino Fundamental, em escolas públicas do município de Vitória (ES)**. Dissertação de mestrado. Centro de Educação. Universidade Federal do Espírito Santo. 2014.

PARANÁ. Secretária de Estado da Educação; Superintendência de Educação; Departamento de Ensino de Primeiro Grau. **Currículo Básico para a Escola Pública do Estado do Paraná**. Curitiba: SEED, 2008.

PIMENTA, S. G. **Formação de professores: identidade e saberes da docência**. Porto Editora, 1994.

RAMOS, Magda Maria. **A Literatura como Fruição na Escola**. Disponível em:

ROCCO, M. T. F. **A importância da leitura na sociedade contemporânea e o papel da escola nesse contexto**. Ideias, São Paulo, PDE, p. 37-42, 1992.

SANTOS, Marizeth Faria dos. **Cada leitor, uma história**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/vicnlf/anais/caderno06-04.html>. Acesso em: 28 agosto de 2018.

SCHWARTZ, C. M. Os sentidos da leitura. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 29., 2006, CAXAMBU. **Anais da XXIX Reunião Anual da Anped**. Caxambu: ANPED, 2006. 1 CD, GT 10. Trabalho. Cleonara. Doc.

SILVA, E. T. da; ZILBERMAN, R. **Leitura, perspectivas interdisciplinares**, 1988.

SILVA, E. T. da. **Leitura & realidade brasileira**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1997.

SILVA, E.T. A atividade da leitura e o desenvolvimento das crianças: considerações sobre a constituição de sujeitos leitores. In: **Leitura e desenvolvimento da linguagem**. SMOLKA 'et al' – Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SOARES, Magda, **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**, 2003. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. Ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. **som**: um manual prático. São Paulo: Cortez, 2001.

UCHOA, Carlos Eduardo F. **A lingüística e o ensino de português**. In: Cadernos de Letras, n. 2. Niterói: UFF/Instituto de Letras, 1991.

VIEGAS, Ylana da Silva Rabello, **“O Papel social da leitura e da escrita: ser alfabetizado é //ser letrado?”**[internet] Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixsenefil/anais/17.htm>>. Acesso em: Julho de 2017. Vozes, 2003.

ZAPPONE, M. H. **Práticas de leitura na escola**. 2001. Tese (Doutorado em Teoria Literária). \_ Instituto de Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, SP, Campinas, 2001.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A – Questionário para identificação do perfil do professor

Este questionário tem como objetivo obter informações sobre sua situação profissional e funcional enquanto professor do Sistema Municipal de Ensino e fornecerá subsídios para identificá-lo como sujeito da pesquisa, sobre as Metodologia das Práticas de Leitura utilizadas nas séries iniciais do Ensino Fundamental: tendo como foco de pesquisa, as práticas utilizadas, visando uma contribuição para a formação de leitores críticos.

A análise dos dados aqui obtidos fará parte de minha dissertação de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação, STRICTO SENSU MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO SOCIAL, EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL, Centro de Educação da Faculdade Vale do Cricaré, Espírito Santo.

Venho ressaltar que sua participação é de grande importância para a qualidade dessa pesquisa.

Agradeço desde já pela colaboração.

Maria da Glória Gonçalves Nunes.

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional.

Sobre a formação, situação profissional e atuação:

1. Data de Nascimento: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

2. Sexo: ( ) M ( ) F

3. Formação anterior à superior:

( ) Magistério

( ) Técnico (2º Grau)

( ) Outro

4. Instituição onde concluiu a formação pedagógica

( ) Pública ( ) Privada

Ano de conclusão: \_\_\_\_\_

5. Sobre a formação superior:

Ano de início: \_\_\_\_\_

Ano de conclusão: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Curso: \_\_\_\_\_

Grau obtido: \_\_\_\_\_

6. Quais fatores levaram a buscar formação superior?

---

---

---

---

7. Situação profissional no Sistema Municipal de Ensino de Serra.

Professor efetivo  Professor contratado (DT)

8. Anos de experiência na carreira do magistério: \_\_\_\_\_

9. Séries em que leciona / lecionou nos últimos quatro anos:

2014 \_\_\_\_\_ 2016 \_\_\_\_\_

2015 \_\_\_\_\_ 2017 \_\_\_\_\_

10. Em relação às práticas utilizadas sobre o ensino de leitura realizadas em sua regência, na sala de aula, você se encaixa em qual dessas situações?

gostaria de modificá-la;

reconheço que precisa ser modificado;

Não preciso modificá-la.

Justifique sua opção.

---

---

---

**APÊNDICE B** – Questionário para professores.

Objetivo: Conhecer as práticas e as concepções dos professores sobre a formação de leitores críticos

1. Para que eu possa conhecer e compreender sua turma. Gostaria que a descrevesse através das seguintes abordagens:

a) Quantos alunos você tem, qual é o ano?

---

b) O que você entende por leitura?

---

---

c) O que é ler um texto?

---

---

d) O que é interpretar um texto?

---

---

e) E quanto a leitura, como são os alunos, o seu desenvolvimento?

---

---

f) Qual o perfil de leitor você tem formado?

---

---

g) Quais gêneros textuais que você costuma trabalhar com seus educandos? Com base em quais objetivos?

---

---

---

---

h) Quais as práticas de leitura são utilizadas em sala de aula, a mesma está contribuindo para a formação do leitor, de que maneira?

---

---

---

---

i) Você tem formado leitores críticos?

---

j) Para você o que é um leitor crítico?

---

---

k) Para você é importante formar leitores críticos, porquê?

---

---

l) Tem encontrado dificuldades enquanto mediador do ensino de leitura na sua prática?

---

m) Quais seriam essas dificuldades? Como lida com elas?

---

---

---

n) Como você avalia o seu ensino?

---

**APÊNDICE C** – Roteiro de observação das aulas para registro no diário de campo  
Escola Municipal de Ensino Fundamental Alba Lília Castelo Miguel.

Turma:

Professor (a)

- a) Quanto às relações entre professor e alunos: como se desenvolve no período que ambos se encontram em sala de aula?
- b) De que forma, quais estratégias e os tipos de textos são apresentadas para as realizações das práticas de leitura?
- c) Quais os tipos de gêneros textuais são abordados?
- d) Quais fontes são utilizados de suporte para a realização das leituras, como por exemplo: livro didático, literatura infantil, jornais, revistas, etc.?
- e) De que maneira essas atividades são desenvolvidas?
- f) Quais recursos didáticos disponíveis para com a colaboração do planejamento de aula do educador?
- g) Sobre as concepções de linguagem, numa visão de leitura e de interpretação de texto, quais as metodologias se evidenciaram nesta aula?